

Da Mediunidade e dos Médiuns

(Algumas Considerações)

Reunião de Fev/1862 na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – França



Allan Kardec, em pé e ao centro, lendo um livro

Paulo Neto

Da mediunidade e dos médiuns

(Algumas considerações)

(Versão 7)

“A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extrassensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura.” (JOSÉ HERCULANO PIRES)

Paulo Neto

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://docplayer.com.br/docs-images/56/39568444/
images/1-0.jpg](https://docplayer.com.br/docs-images/56/39568444/images/1-0.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2020.

Índice

Introdução.....	4
Os Espíritos e os médiuns não são infalíveis.....	5
Mediunidade – Percepção da Psique humana.....	16
A mediunidade diversificada cairia de paraquedas?.....	36
A participação do médium nos fenômenos espirituais....	59
A flexibilidade mediúnica permite ao médium sintonizar-se com todos os Espíritos?.....	94
A mediunidade de incorporação.....	101
As reuniões mediúnicas de desobsessão.....	120
Conclusão.....	146
Referências bibliográficas.....	148
Dados biográficos do autor.....	154

Introdução

Faz algum tempo que vimos escrevendo artigos sobre os temas mediunidade e médiuns; uns são estudos outros devem ser vistos como ensaios.

Resolvemos juntá-los num texto único visando transformá-lo nesse E-book, pois, julgamos que podem ser úteis aos que se propõe em estudar a Doutrina Espírita.

Confessamos que não somos doutores e nem uma espécie de *expert* em Espiritismo, apenas um dedicado estudioso, que se “mete” a escrever sobre vários temas espíritas e bíblicos, esperando ajudar a todos que se derem o trabalho de nos ler.

O primeiro capítulo é importante também para o médium, que não pode desconhecer que o Espiritismo é aberto a novos pontos, razão pela qual o inserimos aqui, pois poucos têm conhecimento disso.

Os Espíritos e os médiuns não são infalíveis

“Para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual.” (ALLAN KARDEC).

Infelizmente temos visto uma gama considerável de companheiros abrindo mão da fé raciocinada para, de uma certa forma, abraçar a fé cega, quando passam a acreditar na infalibilidade de espíritos ou de determinados médiuns, especialmente, os mais renomados; entre os espíritos, para exemplificar, citamos André Luiz, Emmanuel, Joanna de Ângelis, e entre os médiuns destacamos Chico Xavier, Divaldo P. Franco e José Raul Teixeira.

Em que pese toda a sabedoria de todos esses personagens citados, eles não são infalíveis e muitas de suas opiniões apenas refletem seus conhecimentos, e como a ninguém é dado saber tudo, podem, eventualmente, emitir alguma consideração de forma equivocada. E pelo amor de Deus, não nos entendam como alguém que queira

desmerecê-los, pois, isso jamais se passou por nossa cabeça, que fique bem claro. E a eles até pedimos desculpas por citá-los.

Entretanto, não podemos ficar calados diante de tanto endeusamento como anda acontecendo em nosso meio, para isso vamos mencionar um tema que reflete muito bem essa situação.

Quantos de nós já não ouvimos dizer que um Espírito não toma posse física de um encarnado, como base, apresentam-nos as obras *O Livro dos Espíritos* (questões 473 e 474) e *O Livro dos Médiuns* (cap. XXIII – Da Obsessão, itens 240 e 241). É certo, que, em tais obras, as considerações de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores é de que não haveria possessão, no sentido semântico do termo, ou seja, o de ocorrer uma posse física do corpo de um encarnado; porém, o Codificador mudou de ideia, fato que apresentaremos um pouco mais à frente.

Para corroborar o que estamos dizendo sobre essa crença cega, mais apropriada a pessoas fanáticas, trazemos duas falas, com as quais temos por objetivo apenas justificar o que vemos ocorrer, sem qualquer sentido de crítica negativa ou

menosprezo aos envolvidos, até mesmo porque, por muito tempo, nós também comungávamos com o pensamento deles.

Encontramos a primeira fala no livro **Desafios da Mediunidade**, ditado pelo Espírito Camilo, na psicografia de Raul Teixeira, do qual transcrevemos a resposta à pergunta “É correto falar-se em 'incorporação'?”:

Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa “penetrar” o corpo de um médium**, como se poderia admitir num passado não muito distante. [...]. (¹) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

A segunda fala a trazemos de uma entrevista de Divaldo P. Franco sobre Mediunidade, ao **Programa Transição**, no qual comentando uma ocorrência mediúcnica em *Ghost*, filme norte-americano de 1990, do gênero romance, dirigido por Jerry Zucker e com roteiro de Bruce Joel Rubin. em que o espírito Sam Wheat (Patrick Swayze) se

manifesta a Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), a certa altura, ele afirma:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira. Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do **perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral**, como normalmente é denominado, **ao acoplar-se ao corpo astral do médium ou perispírito**, palavra cunhada por Allan Kardec, **transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral**, a sede da consciência e a sede da superconsciência, **transmite com naturalidade as informações**. Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. Dando a impressão que **o espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim.** (2)

O nobre tribuno baiano, pelo qual nutrimos um incomensurável respeito, confirma o que foi dito pelo espírito Camilo, demonstrando que também alguns encarnados comungam de sua opinião, embora, no caso, não possamos afirmar que Divaldo tenha

tomado essa ideia dele; particularmente, achamos que não.

Assim, tem-se mantido a opinião de que não há posse física, baseando-se em informações como essas duas exemplificadas. O que não se tem dado o devido valor é que Allan Kardec nunca agiu dessa maneira, aliás, prudentemente, sempre considerava a opinião de um espírito como apenas uma opinião individual, que não poderia fazer parte do corpo doutrinário do Espiritismo, enquanto não fosse submetida ao crivo do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, como podemos ver, na ***Revista Espírita 1866***, em seus comentários a respeito da obra intitulada *Os Evangelhos Explicados*:

[...] Convém, pois, considerar **essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas**, e que, em todos os casos, **têm necessidade da sanção do controle universal**, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos

recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados *de todos os lados* pelos Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, **para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica**, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos? ⁽³⁾

Enquanto Allan Kardec analisa uma obra e não a sanciona, esperando a sua confirmação universal, nós, infelizmente, estamos aceitando qualquer informação ou até mesmo alguma novidade pelo motivo dela ter vindo de determinado Espírito ou de determinado médium.

Falta-nos seguir o Mestre de Lyon que, conforme vimos, taxativamente, disse: ***“para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na***

concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica”.

As orientações do Codificador são claras, conforme se pode também ver nesta outra transcrição tomada da **Revista Espírita 1865**:

O Espiritismo não é mais a obra de um único Espírito como não é a de um único homem; é a obra dos Espíritos em geral. **Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo.** Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. **Diante desse poderoso critério, caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de ideias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado.** Uma ideia falsa pode, sem dúvida, agrupar ao seu redor alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte. ⁽⁴⁾

Essa mudança de opinião pode ser confirmada em a **Revista Espírita 1863**, mês de dezembro, quando ele, após ter uma prova de que há possessão

física, retifica o seu pensamento anterior. Vejamos a transcrição do fato:

Um caso de possessão

Senhoria Julie

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado.** Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade. [...].

[...] Ele [o espírito] declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da Senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. [...].

P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A...? – R. Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário. ⁽⁵⁾

Não há dúvida alguma de que Allan Kardec mudou de opinião passando então a admitir a possibilidade da possessão física. O problema é que ele não fez questão de alterar o que havia dito em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, obras que

continuam sendo base para opinião de muitos companheiros, só o fazendo em *A Gênese*, último livro doutrinário que publica, obra a qual, infelizmente, poucos espíritas se dedicam a estudar, daí incorrerem no lamentável equívoco de continuarem afirmando não haver posse física.

Vejamos o que consta em **A Gênese**, no capítulo XIV, *Os Fluidos*, onde ao tratar das obsessões e possessões, Allan Kardec diz:

47. – Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como que teia e constringido a proceder contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº. 18.)

De posse momentânea do corpo do

encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. - Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar** e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os

caracteres da loucura furiosa. (6)

Embora o termo possessão até rime com obsessão, é bom ressaltar que o fato de a posse física ocorrer até mesmo com um espírito bom, significa dizer que ela não se enquadra, necessariamente, como sendo um processo obsessivo.

Ficaríamos felizes em ver esse assunto sendo tratado de forma correta, para isso tomamos a liberdade de sugerir aos pesquisadores espíritas que também possam se aprofundar no tema.

Mediunidade - Percepção da Psique humana

“A verdade pode ser discutida, mas não destruída, e a posteridade registra o nome dos que a combateram ou a sustentaram.”
(ALLAN KARDEC)

Nossa proposta é apresentar um ensaio onde traremos uma proposição para um novo conceito para a mediunidade.

Pela definição clássica mediunidade é uma faculdade do médium. Médium, por sua vez, é a pessoa que serve de intermediário entre os espíritos e os homens (⁷), ou, no entendimento mais usual, entre os desencarnados e os encarnados.

Entretanto, temos observado que essa definição clássica não está abrangendo, como seria de se esperar, todas as situações que envolvem essa faculdade, pois há situações práticas que não se enquadrariam nela. Para exemplificar, citamos a manifestação de um vivo numa reunião mediúnica

como um caso em que não estaria ao abrigo dela.

Isso não é novidade, pois sabemos que há experiências de Allan Kardec (1804-1869) em que foram evocados Espíritos de pessoas vivas. Podemos ler, por exemplo, na *Revista Espírita* o relato de uma dessas experiências realizada junto à Sociedade Espírita de Paris, em 03 de fevereiro de 1860, onde, para o estudo a que o Codificador se propôs, foi evocado o espírito do Doutor Vignal, uma pessoa viva, que se manifestou naquela reunião ⁽⁸⁾.

Um outro caso relatado foi o da evocação de uma surda muda de nascença, que à época tinha a idade de 32 anos ⁽⁹⁾.

No final de 2004, o médico psiquiatra Dr. Frederico Camelo Leão, em sua dissertação de mestrado, intitulada “Uso de práticas espirituais em instituição para portadores de deficiência mental”, defendida junto ao Instituto de Psiquiatria (IPq), da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), apresentou o resultado de sua pesquisa realizada nas Casas André Luiz, com a qual buscava saber, para comprovar sua tese, se, entre os Espíritos que se manifestavam nas reuniões mediúnicas, ocorria a de

internos daquela instituição. Foi constatado que, dentre os 650 internos, cerca de vinte se manifestaram nessas reuniões, conforme o artigo “Tratamento Espiritual Aplicado a Deficientes Mentais Demonstra Eficácia”, de Flávia Souza ⁽¹⁰⁾. Assim, podemos perceber que a definição clássica não enquadra esses casos, pois, entre os espíritos que se manifestavam nessas sessões, havia também os de vivos.

Daí nos ocorreu a ideia de refletirmos sobre esse assunto, para o qual apresentamos a seguinte **hipótese**: o que chamamos de mediunidade é, em verdade, uma faculdade do espírito, pouco importando sua condição de estar encarnado ou não. E médium seria, então, o indivíduo que consegue captar os pensamentos ou sentimentos de outro, estando este encarnado ou não, e, dentro disso, podemos afirmar que todos nós somos médiuns; iremos, mais à frente, corroborar isso.

Surgiu-nos, naturalmente, o seguinte esquema:

1. **Anímicas** – (vivos ou mortos): do próprio *subject*, sem qualquer outra participação. Todo o fenômeno é produzido partindo da *psique* do

indivíduo, sem nenhuma outra interferência: vidência, emancipação da alma, ectoplasma e psicometria.

2. **Mediúnicas** - com participação de outras personalidades:

2.1. **Entre vivos** - captação de pensamento, telepatia, percepções de emoções, etc. entre dois encarnados.

2.2. **Entre vivos e mortos** - mensagens, artigos e ditados provenientes de personalidades que deixaram a dimensão física, transmitidas a encarnados, como também aquelas provenientes de desencarnados usando um encarnado em estado de emancipação da alma.

2.3. **Entre mortos** - são ocorrências específicas entre duas personalidades pertencentes à dimensão espiritual, mas que se encontram em planos de evolução diferentes.

3. **Mistos** - (vivos ou mortos): fenômenos em que a base para a sua produção é anímica, mas com feito mediúnico. Por exemplo: no caso da vidência, se o sensitivo vê apenas a dimensão espiritual sem

captar nenhuma mensagem ou pensamento dos que lá se encontram, seria apenas anímico, mas, quando, nessa ocorrência, recebe ou capta qualquer mensagem passa a ser misto.

Nessa proposta, há um ponto em que fomos questionados; por isso, julgamos, por bem, explicitá-lo mais. Trata-se da questão de classificar a telepatia como mediunidade.

Pelo ***Dicionário Houaiss***, temos:

telepatia: *s.f.* (1899) PARAP comunicação direta e a distância entre duas mentes, ou conhecimento, por alguém, dos processos mentais de outrem, além dos limites da percepção ordinária.

Chamou-nos a atenção a expressão “entre duas mentes”, pois abre espaço para a hipótese que estamos levantando, uma vez que isso pode ocorrer em qualquer situação em que os envolvidos possam estar, conforme conclusão a que nós chegamos.

Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), em ***Diversidades dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - vol. I***, assim a define:

A **telepatia** é, pois, uma faculdade anímica resultante de disposições psicossomáticas que habilitam **a pessoa dotada a captar**, por algum processo ainda desconhecido, **pensamentos, emoções e impressões alheias.**" (11)

Em **O Livro dos Médiuns**, temos as considerações de Allan Kardec sobre os médiuns inspirados, das quais transcrevemos o seguinte trecho:

Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. (12)

O que grifamos é algo que julgamos estar a favor do que estamos propondo e sobre o qual o estudioso José Herculano Pires (1914-1979), que traduziu essa obra, faz, em nota de rodapé, os seguintes comentários:

Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro nesse sentido. A **psicologia** materialista vai hoje se aproximando desse princípio, **graças às pesquisas no campo da telepatia**. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, **já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios**. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos. ⁽¹³⁾

Parece-nos que o alerta de Herculano Pires é justamente o fato de que a telepatia pode ser levada à conta de mediunidade, pois não há razão alguma para diferenciar os pensamentos que recebemos dos desencarnados daqueles com que os encarnados nos envolvem, porquanto, em ambas as situações, o *modus operandi* é o mesmo.

Acreditamos que é exatamente isso que Herculano Pires defende em **Mediunidade: Vida e Comunicação. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais**, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

[...] A **mediunidade estática** não é

propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. **A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona**, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, **como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos.** [...].⁽¹⁴⁾

Assim, estamos sempre antenados como permanentes agentes telepáticos.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de março, no artigo “Mediunidade Mental”, a certa altura o Codificador diz:

Esta mediunidade, à qual damos o nome de *mediunidade mental*, certamente não é feita para convencer os incrédulos, porque ela **nada tem de ostensiva**, nem desses efeitos que ferem os sentidos; ela é toda para a satisfação íntima daquele que a possui; mas é preciso reconhecer também que ela se presta muito à ilusão, e que é o caso de se desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, dela não se poderia

duvidar; pensamos mesmo que deve ser a mais frequente; porque o nome de **peças que sentem, no estado de vigília, a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que sentem não ser o seu, é considerável; a impressão agradável ou penosa que se sente às vezes à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade**, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. **A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium**, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes; mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos. ⁽¹⁵⁾ (itálico do original)

Chamou-nos a atenção o trecho “*a penetração e a transmissão do pensamento*”, que aponta para a hipótese que estamos levantando.

Em ***Mediunidade e Doutrina***, o Espírito

Odilon Fernandes, discorrendo sobre o assunto “Todos somos médiuns”, assim se expressou:

A telepatia entre os homens, ou a chamada “Telegrafia humana”, é uma das nuances da mediunidade. Atentassem os encarnados para o referido fenômeno, e a mediunidade se lhes desenvolveria de forma mais completa. ⁽¹⁶⁾

E em **Mediunidade e Caminho**, ele completa:

A telepatia, ou “telegrafia humana”, é um fato incontestável. Diríamos mesmo que, **o que se passa entre o médium e o Espírito no instante do transe nada mais é do que um fenômeno telepático**, mais ou menos profundo. Isto para as comunicações ditas *intelectuais*. ⁽¹⁷⁾ (itálico do original)

Sobre a telegrafia humana vamos encontrar a sua definição em Allan Kardec: “[...] *comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se evocam reciprocamente. [...].*” ⁽¹⁸⁾

Em **Mecanismos da mediunidade**, André Luiz informa-nos algo pelo qual fica fácil entender a possibilidade de todos nós sermos influenciados uns

pelos outros, quer estejamos encarnados ou não.
Leiamos:

Reconhecemos que **toda criatura** dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais **entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas** que se lhe afinem com as inclinações de desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento.
(¹⁹)

A combinação das oscilações mentais das pessoas, não seria o que produz o fenômeno da telepatia? Não estaríamos confirmando este trecho em ***Nos Domínios da Mediunidade***, onde se lê:

[...] **Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação.** E toda associação é interdependência e influência recíproca. [...]. (²⁰)

A evolução do nosso pensamento, em relação à definição clássica, aconteceu por ter lido, em vários livros, que há ocorrência da mediunidade até entre os que se encontram no outro plano da vida. Dessas leituras verificamos que, na dimensão

espiritual, as reuniões mediúnicas levadas a efeito tinham, por exemplo, objetivo de estabelecer contato com espíritos de esferas mais elevadas, inclusive, em alguns casos, eles se materializavam, o que nos remete à ideia de que essa faculdade é mesmo do espírito, pelo fato dela existir em qualquer dimensão, tanto na física quanto na espiritual.

Acreditamos que serviremos de intermediário quando, em determinada circunstância, percebermos a ideia de outros Espíritos, mesmo que esse pensamento não tenha como destinatários outras pessoas. Neste caso, segundo ousamos julgar, estaremos sendo intermediário para nós mesmos, se assim pudermos nos expressar.

André Luiz, pela pena de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), relata diversas reuniões mediúnicas na dimensão espiritual, onde Espíritos de uma hierarquia mais elevada, se manifestaram usando Espíritos-médiuns. Vejamos o que o escritor Divaldo Pereira Franco afirma numa de suas respostas constantes do livro **Qualidade na Prática Mediúnica**:

Qualquer pessoa que leia a **coleção de André Luiz** toma conhecimento das **reuniões realizadas no Mundo Espiritual, onde Espíritos-médiuns funcionam no atendimento às entidades atrasadas ou captam o pensamento do seres superiores. [...].** ⁽²¹⁾

Confirma-se, portanto, o que estamos dizendo das obras de André Luiz; porém, achamos por bem citar algumas situações ocorridas nelas.

Encontramos no livro **Libertação** vários casos de materialização ⁽²²⁾ ocorridos na dimensão espiritual, dentre os quais destacamos:

O instrutor parecia vacilante, embora o halo radioso que lhe cobria gloriosamente a cabeça veneranda.

Chamou-me num sopro e informou:

– André, dirige os trabalhos da reunião, **enquanto devo fornecer recursos à materialização de nossa benfeitora Matilde.** Vejo-a ao nosso lado, esclarecendo haver chegado a noite longamente esperada por seu coração materno. Antes do reencontro com Gregório, em companhia de bem-aventuradas entidades que a assistem, pretende **ela visitar-nos, de maneira tangível,** encorajando quantos aqui hoje se candidatam ao serviço preparatório de ingresso em círculos superiores.

Tremi, perante a ordem, mas não hesitei.

Tomei-lhe o lugar, sem detença, enquanto o sábio mentor se recolhia a dois passos de nós, em profunda meditação.

Reparamos, em silêncio, que luz brilhante e doce passou a se lhe irradiar do peito, do semblante e das mãos, em ondas sucessivas, semelhando-se a matéria estelar, tenuíssima, porque as irradiações pairavam em torno, como que formando singulares paradas nos movimentos que lhe eram característicos. **Em breves instantes, aquela massa suave e luminescente adquiria contornos definidos, dando-nos a ideia de que manipuladores invisíveis lhe infundiam plena vida humana.**

Mais alguns instantes e Matilde surgiu diante de nós, venerável e bela.

O fenômeno da materialização de uma entidade sublimada ali se fizera prodigioso aos nossos olhos, em processo quase análogo ao que se verifica nos círculos carnis.

Ante a benfeitora, diversas mulheres presentes prosternaram-se, dominadas de incoercível emoção, atitude natural que não nos surpreendeu, porque, efetivamente, nos sentíamos em contacto direto com um anjo glorioso, em forma de mulher.
(²³)

A “materialização”, talvez fique melhor dizer, o adensamento da matéria sutil, aqui relatado, como

se vê, em nada difere do que ocorre na dimensão física, segundo os relatos de que temos conhecimento.

No livro *Obreiros da Vida Eterna* é relatada uma manifestação do Espírito Letícia, que se encontrava numa dimensão diferente da daqueles aos quais trazia sua mensagem, usando como intermediária a enfermeira e clarividente Luciana, cuja voz, segundo a narrativa, foi altamente modificada. (24)

Especificamente no livro ***Nos Domínios da Mediunidade***, encontramos no cap. 19, intitulado “Dominação Telepática”, o seguinte:

Hilário, intrigado, perguntou:

– Examinamos, porém, um fenômeno comum?

– Intensamente generalizado. **É a influência de almas encarnadas entre si que, às vezes alcança o clima de perigosa obsessão.** Milhões de lares podem ser comparados a trincheiras de luta, em que pensamentos guerreiam pensamentos, assumindo as mais diversas formas de angústias e repulsão.

– E poderíamos enquadrar o assunto nos domínios da mediunidade?

– Perfeitamente, cabendo-nos acrescentar ainda que o fenômeno pertence à sintonia. Muitos processos de alienação mental guardam nele as origens. Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no ímo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores.

Finda ligeira pausa, o Assistente continuou:

– O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente **evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco.** ⁽²⁵⁾

Aqui já temos a afirmativa de que todos, encarnados e desencarnados, se influenciam mutuamente. Um exemplo muito interessante disso, retiramo-lo do livro ***Entre a Terra e o Céu***:

Hilário indagou sobre a causa da moléstia insidiosa, que tão violenta se apresentara, ao que Clarêncio respondeu, seguro:

– A questão é sutil. **A mulher grávida, além da prestação de serviço orgânico à entidade que se reencarna, é igualmente constrangida a suportar-lhe o contacto espiritual**, que sempre constitui um sacrifício quando se trata de alguém com escuros débitos de consciência. A organização feminina, durante a gestação, sofre verdadeira enxertia mental. Os pensamentos do ser que se acolhe ao santuário íntimo, envolvem-na totalmente, determinando significativas alterações em seu cosmo biológico...

[...].

– Afligia-me observar – lembrou Hilário, com interesse – a inopinada aversão de muitas gestantes contra os próprios maridos...

– Sim, isso ocorre sempre que um inimigo do pretérito volta à carne, a fim de resgatar débitos contraídos para com aquele que se servirá de pai.

(²⁶)

Esse fato é muito comum ocorrer entre as

gestantes. Ele nos é explicado como sendo a influência mental do espírito reencarnante, que do ventre materno transfere à sua mãe a aversão ao marido - seu futuro pai -, por problemas de desavenças anteriores ainda não liberadas pelo perdão.

Em ***Missionários da Luz***, o instrutor Alexandre afirma a André Luiz:

– **Médiuns, meu amigo, inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos**, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio. ⁽²⁷⁾

Ora, isso só vem reformar a nossa hipótese, de que a mediunidade é uma faculdade do espírito, e aí, pouco importa a sua condição, se encarnado ou desencarnado.

No livro *Loucura e Obsessão*, psicografia de Divaldo P. Franco, também há narrativas de várias reuniões mediúnicas no plano espiritual, onde os médiuns, em estado de emancipação da alma,

continuam seus trabalhos durante o sono, período de repouso do corpo físico (28).

Já no livro *Tormentos da Obsessão*, desse mesmo autor, há relatos de reuniões mediúnicas na dimensão espiritual com a utilização de Espíritos-médiuns. (29)

Esperamos que pessoas com conhecimento deste assunto possam enriquecê-lo, fazendo avaliação dessa nossa hipótese ou trazendo novos elementos.

Mediunidade, então, é uma faculdade do Espírito. E médium é qualquer Espírito, independentemente da condição em que esteja, se encarnado ou não, que é capaz de captar o pensamento de um outro.

Além disso, concluímos que a mediunidade somente depende da constituição física da pessoa, mas, também decorre da aptidão adquirida pelo Espírito, ao longo da sua jornada; ou algo semelhante ao aqui dito.

Agora, seis anos após ter escrito este texto, encontramos algo em Chico Xavier que corrobora o

que estamos propondo como definição. Quando lhe perguntaram “*Que é mediunidade, no significado real de sua essência?*”, sua resposta foi:

Mediunidade, na essência, é afinidade, é sintonia, estabelecendo a possibilidade do intercâmbio espiritual entre as criaturas, que se identifiquem na mesma faixa de emoção e de pensamento. (6/90). (30)

Acreditamos que essa definição de Chico Xavier é, exatamente, o que queremos expressar com o nosso pensamento.

A mediunidade diversificada cairia de paraquedas?

“O Espiritismo está longe de ter dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inabalável em sua base, porque esta base se assenta sobre os fatos.” (ALLAN KARDEC)

Há um bom tempo temos questionando se uma mediunidade diversificada, como se vê em alguns médiuns vistos como “geniais”, cairia como um paraquedas ou se ela é fruto de um desenvolvimento progressivo que vem acompanhando a evolução do médium, em suas várias experiências de encarnado.

Na “Introdução” de **O Livro dos Médiuns**, lemos:

[...] Embora cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, **tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que criatura alguma pode provocar à vontade.** As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores

ou músicos os que não possuem o gênio dessas Artes; apenas os guiam no emprego de suas faculdades naturais. Dá-se a mesma coisa com o nosso trabalho; seu objetivo consiste em indicar **os meios de desenvolver a faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um** e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de maneira proveitosa, **quando existir a faculdade**. [...]. ⁽³¹⁾

O grande enigma, para nós, é saber como e porque a mediunidade existe em graus diferentes e o que produz o seu desenvolvimento. Na **Revista Espírita 1859**, Allan Kardec (1804-1869), explica que:

O dom da mediunidade prende-se a causas que não são ainda perfeitamente conhecidas, e nas quais o físico parece ter uma grande parte. À primeira vista, pareceu que um dom tão precioso não teve ser o quinhão senão de almas de elite; ora, a experiência prova o contrário, porque **se encontram poderosos médiuns entre as pessoas cuja moral deixa muito a desejar, ao passo que outras, estimáveis sob todos os aspectos, não a possuem.** [...]. ⁽³²⁾

O Codificador deixa claro que não sabia as causas de uma pessoa ter mediunidade, apenas que

o corpo físico poderia ser uma delas, enquanto que a moralidade nada tinha a ver.

Em **O Que é o Espiritismo**, no cap. Noções Elementares de Espiritismo, tópico “Médiuns”, Allan Kardec explica que:

[...] **Seria, pois, um erro equiparar a mediunidade a um talento.** O talento adquire-se pelo trabalho; quem o possui é sempre dele senhor, ao passo que o médium nunca o é da sua faculdade, pois que ela depende de uma vontade estranha. ⁽³³⁾

Parece-nos que há algo destoante ao se dizer que o médium não é o senhor da sua faculdade mediúnica uma vez que ela depende de uma vontade estranha, pois, na verdade, é o uso da faculdade que está subordinado a uma vontade estranha e não propriamente da mediunidade.

No artigo “Uma tentação”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de março, Allan Kardec fazendo referência ao médium Sr. Home, cujo nome completo era Daniel Dunglas Home (1833-1886), entre várias coisas, disse:

Está aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos no número da *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que estão os médiuns de contar com uma faculdade que pode lhes fazer falta no momento em que seria necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de tê-lo à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas **a mediunidade não é um talento; ela não existe senão pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais mediunidade.** A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício é anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino. ⁽³⁴⁾

A mediunidade existe, o que não existe no caso é a comunicação com os Espíritos, porquanto, são eles que decide, se manifestam ou não por determinado médium.

Na obra ***História do Espiritismo***, o autor Arthur Conan Doyle (1859-1930) referindo-se ao Sr. Home diz que:

“[...] ele era um médium – o maior que o mundo moderno já viu, no campo das manifestações físicas” ⁽³⁵⁾.

[...] Geralmente falamos de um médium de **Voz**

Direta, de um que **fala em transe**, de um **clarividente** ou de um de **efeitos físicos**, quando Home era os quatro. [...]. ⁽³⁶⁾

Na **Revista Espírita 1858**, mês de fevereiro, Allan Kardec também o cita no artigo intitulado “O Senhor Home”, do qual destacamos:

O senhor Home é um médium do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial. Sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melodiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, frequentemente, vos abraçam até causar dor. **Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura.**

[...].

A causa das manifestações do senhor Home é inata nele; sua alma, que parece não prender-se ao corpo senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo; por isso, ela se separa sem esforços, e entra, mais facilmente do que em

outros, em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se revelou nele desde a mais tenra infância. **Com a idade de seis meses**, seu berço se balançava inteiramente sozinho, na ausência da sua babá, e mudava de lugar. Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar; sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar, vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance. **Com três anos** teve as suas primeiras visões, mas não lhes conservou a lembrança. **Tinha nove anos** quando a sua família foi se fixar nos Estados Unidos; aí os mesmos fenômenos continuaram com uma intensidade crescente, à medida que avançava em idade, mas a sua reputação, **como médium, não se estabeleceu senão em 1850, por volta da época em que as manifestações espíritas começaram a se tornar populares nesse país.** [...]. (37)

Entendemos, pelo que foi dito, que a mediunidade do Sr. Home era inata, e, segundo o Codificador, *“sua alma, que parece não prender-se ao corpo físico senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo”*. Se há mediunidade inata, poderíamos concluir que se trata de uma aquisição anterior? O motivo é que, para nós, tudo que é inato diz respeito ao somatório de experiências em vidas anteriores. A genialidade, por exemplo, que às vezes vemos à

nossa volta não se trata senão disso.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de fevereiro, foi publicado o artigo “As obras-primas por via medianímica”, no qual temos uma mensagem de Erasto, que assim se inicia:

Há médiuns que, por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que percorrem hoje, se colocaram em posição de estarem mais aptos, senão mais úteis do que outros. Aqui a questão moral nada tem a fazer: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. [...]. ⁽³⁸⁾

Quanto maior o conhecimento, mais útil será o médium, eis a grande verdade.

Do artigo “Da mediunidade curadora”, inserido na **Revista Espírita 1865**, mês de setembro, ressaltamos o seguinte trecho dos comentários de Allan Kardec:

14. A mediunidade curadora é uma aptidão, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão é independente de sua vontade. Ela se desenvolve, incontestavelmente, pelo

exercício, e sobretudo pela prática do bem e da caridade; mas como ela não poderia ter a constância, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo, e do qual se é sempre senhor, não poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que uma pessoa se ostentasse diante do público como médium curador. [...]. ⁽³⁹⁾
(itálico do original)

Tomando todos os outros gêneros de mediunidade como **aptidão** igual à da mediunidade curadora, s.m.j., o Codificador coloca todos os tipos de mediunidade no mesmo nível. Acrescenta ainda, que a mediunidade curadora pode se desenvolver com o exercício, o que, de forma semelhante, entendemos ser aplicar a todas as outras.

Consultando o ***Dicionário Houaiss***, temos:

Aptidão: s.f. qualidade, atributo do que é apto; 1 **disposição inata ou adquirida (para determinada coisa)**; 2 série de requisitos necessários ao exercício de determinada atividade, função etc.

Talento: s.m. 1 numms moeda antiga da Grécia e de Roma; 2 metr antiga medida de peso greco-romana; 3 intelecto notável, que se afirma por méritos excepcionais; 4 **aptidão, capacidade inata ou adquirida**; 5 indivíduo talentoso. ⁽⁴⁰⁾

Apenas para dizer que seja tratada como “aptidão” ou “talento”, que no fundo é a mesma coisa, presume-se ser uma capacidade inata, ou seja, que o indivíduo já nasce com ela, portanto, fruto de aquisição anterior.

Em **O Livro dos Médiuns**, Allan Kardec assevera que:

Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer a influência dos Espíritos. **Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui um privilégio exclusivo.** [...].⁽⁴¹⁾

Ora, isso nos faz concluir que aqueles que são médiuns ostensivos o são por mérito próprio, não o receberam de graça.

Em **Filosofia Espírita - vol. XVI**, Miramez, explica que:

Deus, sendo justo, criou todos iguais, com as mesmas aptidões. As desigualdades que se veem, existem porque os Espíritos se encontram em escalas diferentes uns dos outros. Toma-se necessário que compreendamos essas diferenças pela maturidade da Espírito.

As aptidões diferentes não são doadas por Deus a uns e a outros não. Nós recebemos os dons e temos que desenvolvê-los. [...].

[...].

Todos os homens têm as mesmas aptidões; as diferenças que se observam é que uns já despertaram e outros estão ainda dormindo, mas, na verdade, todos eles **serão despertados pela força do progresso, acionados pelas mãos do tempo.** Deus criou todos iguais; o que ocorre é que **uns estão ainda nascendo, outros na juventude, e outros já adultos.** Quem tem olhos de ver, que observe e analise essas diferenças. ⁽⁴²⁾

Considerando a mediunidade em um grau mais elevado como uma aptidão, talento ou dom, não há como supor seja ela dada a certos indivíduos, sejam eles bons ou maus pouco importa, uma vez que seria admitir a parcialidade de Deus. Sua imparcialidade fica patente, se consideramos que cada um que a possui é o seu próprio artífice.

O jornalista José Herculano Pires, no livro **Mediunidade: Vida e Comunicação. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais** (1978) fornece elementos para elucidar o tema; dele transcrevemos

estes dois trechos:

Médium quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa. [...] **Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade** para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a **Mediunidade se desenvolve no processo de relação.** ⁽⁴³⁾

A mediunidade dinâmica não permanece em êxtase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada mediunidade de serviço, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. **Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores.** O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois vê-se investido de uma missão mediúnica a que os Espíritos deram o nome de

mediunato. [...] **O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas.** Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as consequências da fuga ao dever. ⁽⁴⁴⁾

Durante o período de 1970 a 1974, Herculano Pires comandava o programa “No Limiar do Amanhã”, transmitido pela Rádio Mulher de São Paulo. Recentemente o escritor Wilson Garcia vem selecionando e organizando as respostas que o jornalista deu a seus ouvintes publicando-as em livro. No intitulado ***No Limiar do Amanhã: Conversa Sobre Mediunidade + Curas, Obsessões, Sonhos***, encontramos mais essa fala dele sobre o tema:

Assim acontece também no campo da mediunidade. Há médiuns que poderiam ser chamados “médiuns geniais”, como dizemos das inteligências geniais. Existem homens de inteligência genial que superam em muito a capacidade intelectual de seus semelhantes. **Existem médiuns de capacidade mediúnica**

genial que superam, de muito, a capacidade mediúnica de seus companheiros no trabalho espírita. Por quê? Porque são criaturas que desenvolveram e aprimoraram sua mediunidade através dos tempos. O senhor poderia perguntar por exemplo: por quê? Parece-me que há uma certa conotação como essa em sua pergunta. Por exemplo, por que essa mediunidade, que assim se desenvolve não pode ser forçada – por um indivíduo que tem um pouco de mediunidade para torná-la mais aguda? Pode – perfeitamente. **Segundo o próprio Kardec explica, através do trabalho mediúnico persistente, de sua dedicação ao campo da mediunidade, toda pessoa desenvolve sua faculdade e às vezes sua faculdade atinge graus de percepção e de sensibilidade com que ela nem sequer sonhava.** Portanto, assim podemos entender a mediunidade. Mas o senhor pergunta: e essa faculdade, o que é? Diremos o seguinte: a definição da mediunidade em si pode ser dada da seguinte maneira: a mediunidade é a percepção direta do espírito sem o corpo, a percepção da mente sem o cérebro. Portanto, é uma percepção direta no momento em que a mediunidade funciona, o espírito está mais ou menos desligado do corpo, daí o estado de transe em que o médium cai. ⁽⁴⁵⁾

Herculano Pires, como se vê, é da opinião que a mediunidade é algo que vem se desenvolvendo ao longo das experiências corporais do médium, o que

significa dizer: Não cai de paraquedas!

Do capítulo “A subjetividade do mediúnico”, de **Psicologia e Mediunidade**, autoria do estudioso Adenáuer Novaes, tomamos os seguintes trechos:

Por mais que sejamos preconceituosos com a mediunidade, considerando-a produto religioso ou fruto de credence popular, ela interfere intensamente no estado psíquico e emocional do ser humano. Não é ela uma faculdade extra-humana nem tampouco adquirida exclusivamente no exercício de práticas transcendentais e místicas, pois **sua aquisição é fruto do desenvolvimento da consciência nos milênios de evolução da espécie**. Ela se estruturou no ser humano a partir de seu contato com a morte como fenômeno não controlável e catalisador de acesso ao inconsciente, tanto para aquele que desencarna como também para os seus, que ficaram.

A mediunidade é uma aquisição evolutiva do espírito em face de seu refinamento, possibilitando-o perceber uma dimensão energética acima da vibração típica do corpo físico. Ela permite uma comunicação entre seres através do perispírito em frequências que superam aquela que ocorre com os sentidos físicos e por meio dos centros cerebrais. Sua percepção pelo ser humano foi possível graças à evolução de seu aparelho cerebral, pois quando este se mostrou maduro e com o córtex desenvolvido, a faculdade tornou-se perceptível

Seu alcance é maior do que aquele que usualmente se observa na prática da desobsessão. Como **se trata de algo adquirido pela evolução do espírito em benefício de seu próprio progresso e felicidade**, sua utilidade transcende o auxílio espiritual a desencarnados.

Como tudo o que é adquirido pelo espírito em evolução, sua estruturação se localiza no perispírito, instrumento com o qual o Espírito se comunica com o mundo. As faculdades humanas foram adquiridas e desenvolvidas no contato do Espírito com a matéria, cujo produto resultante, de um lado, foi a constituição do perispírito, e, do outro, a absorção pelo primeiro do conhecimento das leis de Deus.

[...].

O ser humano jamais poderá viver sem esta excelente faculdade, inerente à sua atual condição: estar conectado à matéria pelo perispírito. **Sua utilização representa um degrau acima na evolução espiritual** e é fundamental para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Sem seu uso não se avançará muito na evolução; por outro lado, o uso que fará dessa faculdade permitirá que avance na escala evolutiva, desatrelando-se de forma transcendente da matéria bruta, da mesma forma que outrora o réptil alçou voo na condição de ave portadora de asas para gozar de sua natural liberdade. ⁽⁴⁶⁾

Na mesma linha de raciocínio, Novaes também julga que a mediunidade é produto de experiências

anteriores.

Encontramos em **Chico Xavier: Amor e Sabedoria**, autoria do escritor estudioso espírita João Cuin, a seguinte explicação:

A mediunidade não é fruto só do desejo de ser médium: é o resultado de longa e laboriosa preparação, através de muitas vivências, no curso dos séculos e milênios de esforços preparatório.

Em graus diferentes, todos nós possuímos faculdades mediúnicas. Teoricamente todos somos médiuns. Mas **a especialização exige esforço, dedicação e amadurecimento**, assim como acontece com relação a qualquer arte ou ciência. Toda sabedoria tem um começo, toda conquista tem um início e demanda tempo – um tempo que pode ser mais ou menos longo, dependendo da ciência ou arte que se proponha o candidato.

Na faculdade, o médico não compra a sabedoria, mas terá de assimilá-la à custa de esforços próprios, terá de frequentar as aulas e muito estudar, terá de “queimar as pestanas” em cima de livros e mais livros e sofrer pela aquisição do saber acadêmico.

Conhecimento não entra pelos poros, nem é produto disponível no mercado de quinquilharias. Assim também se dá com a formação espiritual. **Mediunidade não é privilégio de ninguém, mas somente a possui avançada quem a tenha**

desenvolvido. Não há exceções nas regras da Lei: todos possuímos conforme as próprias conquistas efetuadas. Deus é pai amoroso e justo, não dispensador de favores gratuitos. ⁽⁴⁷⁾

Mais uma fonte que se soma à questão da mediunidade não cair de paraquedas.

A médium Suely Caldas Schubert (1938-2021), foi uma estudiosa da mediunidade, em **Chico Xavier e Emmanuel: Dores e Glórias**, esclarece:

A faculdade mediúcnica de Chico Xavier, pode-se depreender, apresenta diversas características especiais, imprescindíveis para a concretização da programação espiritual de alto nível, entre ele e o mentor Emmanuel, além da contribuição de uma plêiade de Espíritos adredemente convidados, cada qual com seu cabedal de conhecimento e de experiências, **o que nos leva a concluir que a faculdade do médium mineiro vem sendo trabalhada, aprimorada e amadurecida ao longo de muitas experiências reencarnatórias**, para chegar à condição que ele vivenciou quando de seu retorno ao plano físico.

Isso é mesmo evidente, devido ao fato de que um Espírito em nova experiência reencarnatória como médium ostensivo por primeira vez, certamente não iniciará sua

trajetória mediúnica já no ápice do intercâmbio com os desencarnados, mas, sim, exercerá a sua faculdade nas manifestações mais corriqueiras, que são os treinos iniciais de todos os médiuns. Como ensinam também Yvonne A. Pereira e Divaldo P. Franco ao mencionarem a respeito do surgimento das primeiras experiências reencarnatórias no âmbito da mediunidade. Entendemos, portanto, que **se o médium se distingue por uma faculdade estudante, luminosa, que desde cedo na infância física, e ainda mais, especialmente se estiver sendo canalizada para fins altruísticos, em favor da Humanidade, denota vivências nesse campo repetidas vezes, no ir e vir das vidas sucessivas.** ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

Para Suely Caldas é certo que ter hoje uma maior sensibilidade mediúnica, corresponde a uma aquisição através das reencarnações.

Achávamos que não conseguiríamos saber a opinião do “*Mineiro do Século XX*”, mas acabamos por encontrá-la no cap. A palavra de Chico Xavier da obra ***Novo Mundo***, em que se lê:

– Qual a razão de **algumas pessoas possuírem dons mediúnicos na Terra, desde o**

berço, enquanto outras, após muito trabalho é que conseguem conquistar alguns desses valores?

– Quando se trata de mediunidade em ação na cultura ou no progresso espiritual, **a bagagem de recursos do mediano emerge das suas próprias aquisições de espírito, efetuada em existências pretéritas**, outorgando-lhe a possibilidade de colaborar com mais eficiência ao lado de quantos pugnam, no Além, pelo aperfeiçoamento e felicidade da comunidade humana. ⁽⁴⁹⁾

A opinião de Chico Xavier, bem como a de Suely Caldas, é importante, porquanto os dois eram dedicados médiuns e de inquestionável experiência no trabalho mediúnico.

A UEM - União Espírita Mineira, instituição federativa do Estado de Minas Gerais, publicou a apostila ***Médium Ostensivo***, por iniciativa da Área de Orientação Mediúnica, da qual destacamos o seguinte parágrafo:

A mediunidade é uma faculdade natural, conquistada e desenvolvida pela criatura ao longo do seu processo evolutivo. Manifesta-se

em todos os lugares suscitando amplas possibilidades de intercâmbio entre as criaturas, constituindo, em alguns casos, um canal que possibilita a influência benéfica do superior com o inferior, da verdade com o erro, da luz com as sombras; ou, em outros casos, um canal de comunicação entre as faixas inferiores da vida. [...].⁽⁵⁰⁾

Importante essas considerações porquanto promanam do órgão federativo do Estado de Minas Gerais, através de seus representantes.

Por oportuno, vejamos agora a opinião dos Espíritos.

1) **Áulus**, em **Nos Domínios da Mediunidade**:

[...] Cada qual vive no quadro das próprias conquistas ou dos próprios débitos. Assim considerando, vemos no planeta milhões de criaturas sob as teias da mediunidade torturante, milhares detendo possibilidades psíquicas apreciáveis, muitas tentando o desenvolvimento dos recursos dessa natureza e raras obtendo um mandato mediúnico para o trabalho da fraternidade e da luz. **E, segundo reconhecemos, a mediunidade sublimada é serviço que devemos**

edificar, ainda que essa gloriosa aquisição nos custe muitos séculos.

— Mas ainda num mandato mediúnico o tarefeiro da condição de Dona Ambrosina pode cair?

— Como não? — acentuou o interlocutor — um mandato é uma delegação de poder obtida pelo crédito moral, sem ser um atestado de santificação. Com maiores ou menores responsabilidades, é imprescindível não esquecer nossas obrigações perante a Lei Divina, a fim de consolidar nossos títulos de merecimento na vida eterna. ⁽⁵¹⁾

2) **Vianna de Carvalho**, em ***Médiuns e Mediunidades***:

A mediunidade é conquista espiritual do homem, no seu processo evolutivo, a manifestar-se através da organização física e não apenas na área da vida objetiva, porquanto, no mundo transcendente, alcança elevadas expressões de atividade nobilitante. ⁽⁵²⁾

3) **Manoel Philomeno de Miranda**, em ***Qualidade na Prática Mediúnica - Projeto Manoel Philomeno de Miranda***:

A mediunidade é uma faculdade portadora de

intricados, sutis e complexos mecanismos, que **tem muito a ver com o passado do médium**, bem como se relaciona com as suas possibilidades de serviço de integração no programa de iluminação da própria e de outras consciências. ⁽⁵³⁾

4) **Bezerra de Menezes**, em **Recordações da Mediunidade**:

“[...] **Existem mediunidades que do berço se revelam no seu portador**, e estas são as mais seguras, porque as mais positivas, **frutos de longas etapas reencarnatórias**, durante as quais os seus possuidores exerceram atividades marcantes, assim desenvolvendo forças do perispírito, sede da mediunidade, vibrando intensamente num e noutro setor da existência e assim adquirindo vibratilidades acomodáticas do fenômeno. **Outras existem ainda em formação** (forças vibratórias frágeis, incompletas, os chamados ‘agentes negativos’), **que jamais chegarão a se adestrar satisfatoriamente numa só existência**, e que se mesclarão de enxertos mentais do próprio médium em qualquer operosidade tentada, dando-se também a possibilidade até mesmo da pseudo-perturbação mental, ocorrendo então a necessidade dos estágios em casas de saúde e hospitais psiquiátricos se se tratar de indivíduos desconhecedores das ciências psíquicas. [...]” ⁽⁵⁴⁾

Ao afirmar que a mediunidade é fruto de longas etapas reencarnatórias Bezerra de Menezes corrobora o teor das transcrições anteriores.

Entendemos que ter a inteligência é algo comum a todos nós, porém, ser um gênio é produto particular do desenvolvimento da inteligência. É assim que compreendemos ser a faculdade mediúnica.

Diante de tudo que colocamos, concluimos, que a mediunidade é uma faculdade humana que, como qualquer outra, não surge do nada, como se caísse de paraquedas em cima de determinado indivíduo, mas é algo que tem raízes em suas experiências pregressas.

A participação do médium nos fenômenos espirituais

“O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação.” (ALLAN KARDEC)

Este estudo deve ser considerado apenas um ensaio; não é, portanto, para ser tomado como algo pronto e acabado. Nesse primeiro momento, a nossa intenção é levantar uma reflexão mais focada sobre o tema. No futuro, depois das prováveis contribuições de estudiosos, decidiremos qual direção haveremos de tomar com relação a torná-lo definitivo.

Levando em conta os seus efeitos, Allan Kardec, em ***O Livro dos Médiuns*** explicou que “Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes”. ⁽⁵⁵⁾

Um pouco mais adiante, ele dividiu os médiuns em duas grandes categorias ⁽⁵⁶⁾:

- *Médiuns de efeitos físicos* - os que têm poder de provocar os efeitos materiais ou as manifestações ostensivas.
- *Médiuns de efeitos intelectuais* - os que são mais especialmente aptos a receber e a transmitir as comunicações inteligentes.

Allan Kardec completa dizendo:

Todas as demais variedades se ligam mais ou menos diretamente a uma ou a outra dessas duas categorias, e algumas participam de ambas. Analisando os diversos fenômenos produzidos sob influência mediúnica vê-se que há em todos um efeito físico, e que aos efeitos físicos se junta quase sempre um efeito inteligente.

É às vezes difícil estabelecer o limite entre ambos, mas isso não acarreta nenhuma dificuldade. Incluímos na classificação de médiuns de efeitos intelectuais os que podem mais especialmente servir de instrumentos para comunicações regulares e contínuas. ⁽⁵⁷⁾

O nosso foco será a participação do médium que, conforme a linha do raciocínio aqui proposta, seria o do uso que os Espíritos fazem de seu patrimônio:

- Mental
- Corporal
- Energético

No mental, temos o médium sendo transmissor do pensamento do Espírito, que lhe passa telepaticamente o que deseja transmitir.

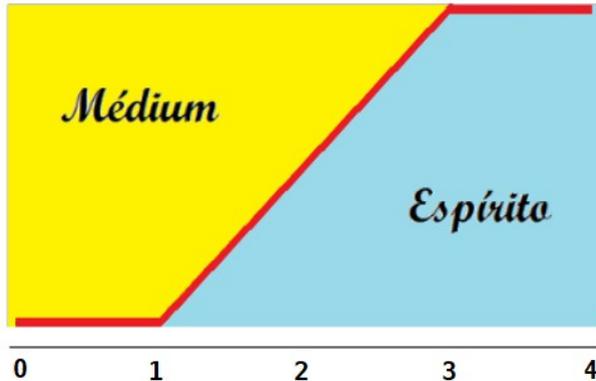
No corporal, o corpo do médium é utilizado pelo Espírito, podendo tanto ser de apenas um órgão, quanto de todo o seu complexo físico.

No energético, o médium fornece, ainda que inconscientemente, a energia necessária para a produção dos fenômenos denominados de efeitos físicos, “energia” essa denominada de ectoplasma, termo cunhado por Charles Richet (1850-1935), fundador da Metapsíquica.

Por patrimônio energético queremos designar a força nervosa ou ectoplasma que é a “energia” emanada do médium para a produção dos fenômenos espirituais, classificados como de efeitos físicos. Aliás, sem ela não há como os Espíritos produzirem tais fenômenos, porquanto ele é

imprescindível à sua produção.

Podemos representar os fenômenos espirituais, olhando-os pela ótica da participação dos envolvidos no processo, com o seguinte quadro:



A linha vermelha, que divide os dois campos, seria, didaticamente, a representação da participação dos envolvidos nos fenômenos espirituais. Inicia-se com a participação total do médium, faixa de 0 a 1, seguindo com uma graduação da participação de ambos, faixa de 1 a 3, até terminar com a participação somente do Espírito, faixa de 3 a 4.

Colocamos essa última faixa para manter a

consequente simetria e, especialmente, em razão de existir a primeira, e por também pensarmos que se pode afirmar que existem fenômenos nos quais só há participação dos Espíritos sem concurso de alguma atividade mental, como transmissão de pensamento do médium. Resumindo, então teríamos:

Faixa 0 a 1	Faixa 1 a 3	Faixa 3 a 4
Animismo	Mediúnico	Espirítico

Estamos conscientes de que, para nós, em muitos dos fenômenos espirituais, não é nada fácil identificar de forma precisa o grau de participação do médium e do Espírito; talvez isso nem mesmo seja possível de se fazer.

Animismo

De início, apresentaremos duas definições que são necessárias para bem nos situarmos. Nossa fonte será a obra ***Dicionário de Filosofia Espírita***, de autoria do estudioso Lamartine Palhano Júnior (1946-2000):

ANÍMICO. (Do latim: *anima*, -ae = sopro, emanção, ar; daí **Alma** como princípio vital, vida. Espírito que escapa do corpo após o passamento) *Anímico* é tudo aquilo que é relativo ao *animismo*.

ANIMISMO. Neologismo para significar que a alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro, pois, se há certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito. Na prática espírita, trata-se de um estado de transe, no qual quem opera, produzindo fenômenos psíquicos e mesmo de efeitos físicos, é o espírito do próprio encarnado e não um espírito desencarnado, pois neste caso seria mediunismo e não animismo. Desde que há dissociação psíquica e o espírito de uma pessoa emancipa-se, mesmo que seja parcialmente, ele pode produzir os mesmos fenômenos produzidos pelos espíritos que se comunicam através de médiuns. Os fenômenos espíritas são de duas naturezas: anímicos e mediúnicos. ⁽⁵⁸⁾

Acreditamos que, no meio espírita, muitos de nós estamos utilizando as palavras anímico e animismo indiscriminadamente, e isso, a nosso ver, provoca alguns equívocos, especialmente ao se tomar qualquer tipo de participação do médium no fenômeno espiritual como anímico, incluindo os casos em que ele fornece o ectoplasma ou nos que empresta o corpo físico. Ora, se anímico, como se vê

nas definições acima, leva-nos ao conceito de animismo, então não seria o caso de sua aplicação generalizada como estamos fazendo.

De acordo com o que conseguimos entender das definições de Palhano Júnior, a participação ou o papel do médium no fenômeno espiritual não deveria ser qualificada como anímica, pois esta designação é dada à manifestação do próprio Espírito do médium, e não a de Espíritos desencarnados em que o médium coloca algo de “tempero” pessoal.

Aliás, essa participação é claramente mencionada em **O Livro dos Médiuns**, no qual, entre as considerações assinadas por Erasto e Timóteo, se lê o seguinte:

Com um médium cuja inteligência atual ou anterior esteja desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso **encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados à roupagem de palavras correspondentes a esse pensamento**, quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou mecânico. É por isso que apesar de diversos Espíritos se comunicarem através do médium, **os ditados por eles recebidos trazem**

sempre o cunho pessoal do médium, quanto à forma e ao estilo. Porque embora o pensamento não seja absolutamente dele, o assunto não se enquadre em suas preocupações habituais, o que desejamos dizer não provenha dele de maneira alguma, **ele não deixa de exercer sua influência na forma, dando-lhe as qualidades e propriedades características da sua individualidade.** [...].

[...].

Quando queremos ditar mensagens espontâneas **agimos sobre o cérebro, nos arquivos do médium, e juntamos o nosso material com os elementos que ele nos fornece. E tudo isso sem que ele o perceba.** [...]. ⁽⁵⁹⁾

Mais à frente, Erasto, volta a reafirmar o que consta no último parágrafo acima:

Sabeis que tiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento a forma sensível e apreensível para vós. É com o auxílio dos seus próprios materiais que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. [...]. ⁽⁶⁰⁾

A esse conteúdo do médium também se tem atribuído o conceito de animismo, o que entendemos ser impróprio diante do que se deve entender como

tal, ou seja, comunicação da própria alma do médium, que, na verdade, se trata de uma manifestação do Espírito de uma pessoa viva.

Falando sobre os médiuns pneumatógrafos, ou seja, os médiuns que produzem a escrita direta, Allan Kardec, explica que, contra a sua vontade, os Espíritos classificaram esse fenômeno como de efeitos físico, apresentando a seguinte justificativa:

Os efeitos inteligentes são os que o Espírito produz servindo-se dos elementos existentes no cérebro do médium, o que não é o caso da escrita direta. A ação do médium é nesta inteiramente material, enquanto no médium escrevente, mesmo que seja completamente mecânica, o cérebro tem sempre um papel ativo.
(⁶¹)

Entendemos, que, no caso, a participação do médium é apenas a de fornecer a energia, o ectoplasma, para a produção do fenômeno da escrita direta, o que, segundo nossa proposta, o classificaria como espiritual.

Há um curioso fenômeno espiritual pelo qual o Espírito de uma pessoa viva pode se manifestar em

um local onde o seu corpo físico não se encontra:

[...] O espírito de uma pessoa viva, afastado do corpo, pode aparecer como o de um morto, com todas as aparências da realidade. Além disso, pelos motivos que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno, designado por bicorporeidade, que deu lugar às histórias de homens duplos, indivíduos cuja presença simultânea se constatou em dois lugares diversos. ⁽⁶²⁾

Allan Kardec menciona da História Eclesiástica os nomes dos santos Afonso de Liguori e Antônio de Pádua, como dois bons exemplos de bicorporeidade.

Vejamos esta explicação, constante de ***O Livro dos Médiuns***:

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que têm a dupla vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto veem com os olhos abertos ou fechados. Dessa maneira, um cego pode ver os Espíritos como os que têm visão normal. ⁽⁶³⁾

José Herculano Pires, explica que *“A vidência propriamente dita independe dos olhos materiais,*

porque é uma visão anímica, a alma vê fora do corpo” (64), ou seja, é o Espírito do médium que vê as coisas do plano espiritual, o que por si só não faz do fato uma ocorrência mediúnic, passando a sê-la quando o médium estabelece contato com algum Espírito.

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, no tópico em que são mencionados os médiuns sonâmbulos, encontramos:

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnic, ou melhor, trata-se de duas ordens de fenômenos que se encontram frequentemente reunidos. O sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito. É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele diz procede dele mesmo. Em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos são mais amplos porque está livre. Numa palavra, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos. (65)

Se “o sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito”, não há como não vermos aqui o animismo.

Mais à frente, quando se fala do papel do médium nas comunicações, Allan Kardec, volta ao assunto:

2. As comunicações escritas ou verbais podem ser também do próprio Espírito do médium?

– A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. Se ela goza de um certo grau de liberdade, recobra então as suas qualidades de Espírito. Tens a prova na visita das almas de pessoas vivas que se comunicam contigo, muitas vezes sem serem chamadas. Porque é bom saberes que entre os Espíritos que evocas há os que estão encarnados na Terra. Nesses casos *eles te falam como Espíritos e não como homens*. Por que o médium não poderia fazer o mesmo? ⁽⁶⁶⁾

Nas reuniões mediúnicas, todo cuidado devemos empregar para não tratar uma manifestação do Espírito do médium como se ele fosse de um desencarnado; seria muito engraçado ver o Espírito do médium manifestando-se e o dialogador dizer-lhe: *“Você já desencarnou, meu irmão, acompanhe estes Espíritos de luz que estão aí a seu lado.”*

Mediúnico

Em janeiro de 1859, Allan Kardec responde às perguntas do Príncipe G., em carta dirigida a ele e transcrita na **Revista Espírita 1859**. Tomemos esses dois parágrafos:

Os homens podem entrar em relação com os Espíritos e deles receberem comunicações diretas pela escrita, pela palavra e por outros meios. Os Espíritos, estando ao nosso lado e podendo virem ao nosso chamado, pode-se, por certos intermediários, estabelecer com eles comunicações seguidas, como um cego pode fazê-lo com as pessoas que ele não vê.

Certas pessoas são dotadas, mais do que outras, de uma aptidão especial para transmitirem as comunicações dos Espíritos: são os médiuns. O papel do médium é o de um intérprete; é um instrumento do qual se servem os Espíritos: esse instrumento pode ser mais ou menos perfeito, e daí as comunicações mais ou menos fáceis. ⁽⁶⁷⁾

A transmissão dos pensamentos dos Espíritos se dá mais comumente pela fala e pela escrita, em que o médium reproduz aquilo que lhe transmitem os Espíritos. Allan Kardec denominou os primeiros de médiuns falantes, mais conhecidos como médiuns psicofônicos, e os segundos de médiuns escreventes ou psicógrafos.

Classificando estes últimos em várias modalidades, das quais ressaltamos essas três:

Médiuns escreventes ou psicógrafos: Os que têm a faculdade de escrever por si mesmos, sob influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos: Os que escrevem recebendo um impulso involuntário na mão, sem ter nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros.

Médiuns semimecânicos: Os que escrevem por impulso involuntário na mão, têm consciência imediata das palavras e das frases que vai escrevendo. Os mais comuns. ⁽⁶⁸⁾

Acreditamos que, em algumas situações, os médiuns psicofônicos e os psicográficos, podem estar agindo, não como intérpretes, mas, temporariamente, “cedendo” seus corpos físicos aos Espíritos para que, eles mesmos deem suas mensagens, sem interferência mental dos médiuns, caracterizada como o médium recebendo e transmitindo a mensagem do Espírito. Julgamos que, das citações acima, os médiuns escreventes mecânicos têm tudo para agirem dessa forma. No próximo tópico esperamos explicar com mais

detalhes.

Provavelmente, os médiuns pintores ou desenhistas, na atualidade são denominados de médiuns de psicopictografia, que produzem as deslumbrantes “pinturas mediúnicas”, também trabalham incorporados.

Espirítico

Aqui incluímos a possessão/incorporação, que é a posse do corpo físico por parte de um Espírito. Aliás, esse ensaio surgiu da reflexão sobre esse fenômeno, que deu origem ao ebook *“Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados”* (69).

Devemos esclarecer que até a publicação de *O Livro dos Médiuns*, ocorrida em 15 de janeiro de 1861, Allan Kardec ainda não admitia posse física como algo possível. Mas todos sabemos que ele mudou de ideia, diante de um caso que lhe foi apresentado e que fez constar da *Revista Espírita 1863*; trata-se do “Caso de possessão - Senhorita Julie”, que será visto mais à frente.

Em 6 de janeiro de 1868, data da publicação

de *A Gênese*, Allan Kardec volta ao assunto, apresentando em termos bem claros a realidade da possessão física. Em razão disso, as palavras do Codificador, em *O Livro dos Médiuns*, sobre a participação do médium, não devem ser consideradas as possessões/incorporações, já que nessa época ele ainda não admitia tal possibilidade: *“O Espírito comunicante não substitui a Alma do médium, porque não poderia deslocá-la do corpo: domina-a, sem que isso dependa da vontade dela, e lhe imprime a sua vontade própria”*. (70)

Vejamos algumas explicações em ***O Livro dos Médiuns***:

A escrita é tão fluente, rápida e fácil como a manual, mas reconheceu-se mais tarde que todos esses objetos serviram apenas de apêndices da mão, verdadeiros porta-lápis, que podiam ser dispensados. De fato, a própria mão do médium, impulsionada de maneira involuntária, escrevia sob a influência do Espírito, sem o concurso da vontade ou do pensamento daquele. [...]. (71)

A afirmativa de que o médium *“escrevia sob a influência do Espírito, sem o concurso da vontade ou*

do pensamento daquele” nos leva a concluir que, em algumas situações, é importante frisar, o Espírito está mesmo utilizando-se de algum órgão do médium, para, diretamente, ou seja, sem nenhuma interferência mental dele, passar o seu pensamento.

8. Como um Espírito pode mover um corpo sólido?

– Combinando uma porção de fluido universal com o fluido que se desprende do médium apropriado a esses efeitos. ⁽⁷²⁾

14. Qual o papel do médium nesse fenômeno?

– Eu já disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal do Espírito. É necessária a união de ambos, do fluido animalizado e do fluido universal, para dar vida à mesa. Mas não se deve esquecer que essa vida é apenas momentânea, extinguindo-se com a mesma ação, e muitas vezes antes que a ação termine, quando a quantidade de fluido já não é mais suficiente para animar a mesa. ⁽⁷³⁾

18. Qual o papel da vontade do médium?

– Chamar os Espíritos e ajudá-los a impulsionar os fluidos.

18 a. É indispensável a vontade do médium?

– Ela aumenta a potência, mas nem sempre é necessária, desde que pode haver o movimento, malgrado ou contra a vontade do médium, o que é

uma prova da existência de uma causa independente. (74)

[...] O fluido condensado constitui o perispírito ou invólucro semimaterial do Espírito. Na encarnação, o perispírito está ligado à matéria do corpo; na erraticidade está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos fundida com a matéria corpórea, mais ou menos colada a ela, se assim podemos dizer. Em algumas pessoas há uma espécie de emanção desse fluido, em consequência de condições especiais de sua organização, e é disso, propriamente falando, que resultam os médiuns de efeitos físicos. [...]. (75)

No caso de movimentação de objetos, os Espíritos utilizam-se da energia - ectoplasma - do médium para realizar os fenômenos. Também aqui não vemos nenhuma utilização da mente do medianeiro para transmitir sua mensagem.

Falando sobre a tiptologia, Allan Kardec disse:

Achamos que a independência do médium é perfeitamente provada pelos *golpes internos* e mais ainda pelo imprevisto das respostas do que todos os meios materiais. [...]. (76)

Claro fica que o médium não age

mentalmente; apenas contribui como doador do ectoplasma.

Sobre a escrita direta, temos:

A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium. (77)

Mais uma situação em que, em nossa opinião, não há interferência mental do médium. É interessante a explicação que Allan Kardec, na ***Revista Espírita 1858***, em janeiro, deu a esse fenômeno:

Os Espíritos transmitem, algumas vezes, certas comunicações escritas sem intermediário direto. Os caracteres, nesse caso, são traçados espontaneamente por uma força extra-humana, visível ou invisível. Como é útil que cada coisa tenha um nome, a fim de se poder entender, daremos a esse modo de comunicação escrita o de *espíritografia* ou para distingui-la da *psicografia* ou escrita obtida por um médium. A diferença, entre esses dois nomes é fácil de se compreender. Na psicografia, a alma do médium, desempenha, necessariamente, um certo papel, ao menos como

intermediário, ao passo que na espíritografia é o Espírito que age diretamente, por si mesmo. ⁽⁷⁸⁾

Não conseguimos descobrir por qual motivo Allan Kardec em vez de usar *espíritografia*, passou a se utilizar do termo *pneumatografia* para designar o fenômeno da escrita direta, pois nada disse sobre isso.

Em **O Livro dos Médiuns**, falando da utilização das cestas e das pranchetas, Allan Kardec explica:

157. À escrita assim obtida chamamos *psicografia indireta*, em contraste com a *psicografia* direta ou manual feita pelo próprio médium. Para compreender este sistema é necessário saber como se verifica a operação. O Espírito comunicante age sobre o médium; este, assim influenciado, *move maquinalmente* o braço e a mão para escrever, não tendo (pelo menos no comum dos casos) a menor consciência do que escreve; a mão age sobre a cesta e esta movimentada o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*, mas apenas serve de instrumento a uma inteligência. A cesta nada mais é, praticamente, do que um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimindo o intermediário e pondo o lápis na mão, temos o mesmo resultado com um mecanismo

muito mais simples, desde que o médium passa a escrever como se o fizesse em condições normais.
(⁷⁹)

Como dito, “*o Espírito comunicante age sobre o médium*” e não, como muitas vezes se crê, transmite seu pensamento ao médium, que, por sua vez, o escreve.

166. Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são propriamente médiuns falantes. Estes, na maioria das vezes, não ouvem nada. Ao servir-se deles, os Espíritos agem sobre os órgãos vocais, como agem sobre as mãos nos médiuns escreventes. O Espírito se serve para a comunicação dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium. De um empresta as mãos, de outro, as cordas vocais e de um terceiro os ouvidos. O médium falante em geral se exprime sem ter consciência do que diz e quase sempre tratando de assuntos estranhos às suas preocupações habituais, fora de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência.

Embora esteja perfeitamente desperto e em condições normais, raramente se lembra do que disse. Numa palavra, a voz do médium é apenas um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual outra pessoa pode conversar com este, como o faz no caso de médium audiente.

Mas nem sempre a passividade do médium falante é assim completa. Há os que têm intuição do que estão dizendo, no momento em que pronunciam as palavras. Voltaremos a tratar desta variedade quando nos referirmos aos médiuns intuitivos. ⁽⁸⁰⁾

Em ***O Livro dos Médiuns***, “Cap. XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, encontramos nas explicações sobre os médiuns mecânicos:

179. Se examinarmos certos efeitos que se manifestam nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta, não podemos duvidar de que o Espírito exerce uma ação direta sobre esses objetos.

[...].

[...] O Espírito pode, pois, exprimir diretamente o seu pensamento, seja pelo movimento de um objeto a que a mão do médium serve apenas de apoio, seja pela sua ação sobre a própria mão do médium.

Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, dá-lhe uma impulsão completamente independente da vontade do médium. Ela avança sem interrupção e contra a vontade do médium, enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, e para quando ele o disser.

O que caracteriza o fenômeno, nesta circunstância, é que o médium não tem a menor

consciência do que escreve. A inconsciência absoluta, nesse caso, caracteriza os que chamamos de *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é tanto mais valiosa quanto não pode deixar a menor dúvida sobre a independência do pensamento daquele que escreve. ⁽⁸¹⁾

Se “*o Espírito exerce ação direta sobre esses objetos*” e com isso consegue “*expressar diretamente o seu pensamento*”; então, não há interferência mental do médium no fenômeno:

[...] os médiuns *mecânicos*, podem ser instrumentos absolutamente passivos e gozarem da mais completa independência de pensamentos. No médium mecânico, o Espírito atua sobre a mão, que recebe um impulso inteiramente involuntário. ⁽⁸²⁾

Ademais, se “*pela sua ação sobre a própria mão do médium*” o Espírito também pode expressar diretamente o seu pensamento, mais uma vez, confirma a não interferência mental do médium.

Está afirmado de forma categórica que “*O papel do médium mecânico é o de uma máquina*” ⁽⁸³⁾; ora, se age como “*uma máquina*” ele, o médium,

obviamente nada acrescenta de si.

Deparamos com situações que contradizem tudo quanto foi dito; isso na mesma obra **O Livro dos Médiuns**. Vejamos que também é afirmado que os Espíritos não transmitem diretamente seu pensamento:

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento ou tem como intermediário o Espírito do médium?

– O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para a comunicação e porque é necessária essa cadeia entre vós e os Espíritos comunicantes, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia à distância, e na ponta do fio uma pessoa inteligente que a receba e comunique. ⁽⁸⁴⁾

Faça-se uma analogia do médium com um provedor de Internet, que exerce a função do veículo de transmissão do e-mail, mas não toma conhecimento do seu conteúdo.

Como algo específico, tudo bem; mas de forma genérica, como acreditamos ser afirmado, contradiz as várias afirmações anteriores de que, em algumas

situações, os Espíritos comunicam-se diretamente.

9. Concebe-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas não quando se trata de médiuns mecânicos.

– Não compreendeste bem a função do médium. Há uma lei que ainda te escapa. Lembra-te de que, para produzir o movimento de um corpo inerte o Espírito necessita do fluido animalizado do médium, de que se serve, por exemplo, para animar momentaneamente a mesa, fazendo-a obedecer à sua vontade. Pois bem, para uma comunicação inteligente ele necessita também de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.

9.a. Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando estas e outros objetos inertes, como as pranchetas e as cestas, respondem de maneira inteligente, parece que o Espírito do médium não tem nenhuma participação.

– É um engano. O Espírito pode dar uma vida factícia momentânea a um corpo inerte, mas não à inteligência. Jamais um corpo inerte teve inteligência. É pois o Espírito do médium que recebe o pensamento sem o perceber e o transmite pouco a pouco, com a ajuda de diversos intermediários. ⁽⁸⁵⁾

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, nos parece que joga por terra tudo quanto foi dito a

respeito de comunicação direta dos Espíritos. No caso das manifestações físicas, onde julgamos que o Espírito não age senão se utilizando do ectoplasma, aqui está dito que ele *“recebe o pensamento sem o perceber e o transmite pouco a pouco”*; muito estranho, diante das outras afirmações.

10. Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium não é jamais completamente passivo?

– Ele é passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito comunicante, mas nunca se anula por completo. Seu concurso é indispensável como intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos. ⁽⁸⁶⁾

Isoladas, as explicações parecem dúbias, mas levando-se em conta o dito nas questões anteriores, está se afirmando que, em todos os tipos de mediunidade, o médium participa mentalmente, o que nos parece não condizente com o que já foi dito e, para falar bem a verdade, nem muito lógico. Nos casos, por exemplo, da voz direta, da escrita direta e dos fenômenos de transporte, como conciliar com alguma participação mental do médium?

Voltemos à questão da possessão/incorporação, pois há mais coisas a serem colocadas.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de fevereiro, Allan Kardec narra o caso de um Espírito que não acreditava estar morto, mas sonhando:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, **em se servindo do corpo do Sr. Morin**, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque **o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade.** [...].

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. **Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação**, e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. **Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina;** mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isso, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela não pode mesmo ser de longa duração, pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade. ⁽⁸⁷⁾

Este trecho com a descrição do comportamento do Sr. Morin, é bem interessante:

“Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade.” Não temos dúvida de que nesse tipo de comportamento, o Espírito manifestante não sofria nenhuma interferência mental do médium, o que se pode comprovar diante da explicação que um outro Espírito deu ao fenômeno.

Vejamos em quais tipos de mediunidade o Dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) admite a possibilidade de também ocorrer por incorporação:

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc. ⁽⁸⁸⁾

São outras situações em que a interferência mental do médium é, segundo a nossa maneira de

perceber, nula.

Léon Denis (1846-1927) é um estudioso que não podemos deixar de citar. De seu livro **No Invisível**, capítulo XIX, intitulado *Transe e incorporações*; transcrevemos:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação

atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação se desvanece. O médium

desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. ⁽⁸⁹⁾

A opinião de Léon Denis é clara quanto à questão de existirem, além da incorporação, com o desencarnado assumindo o corpo físico do encarnado, os casos de transmissão de pensamento. Sim; compreendemos haver situações que a transmissão “*mente a mente*” rege o fenómeno; entretanto, isso não significa dizer que em todos os fenómenos espirituais o fato também acontece.

Mais à frente, Denis explicita:

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho. O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora. ⁽⁹⁰⁾

Entendemos que o Espírito, apropriando-se do cérebro, assume o comando do corpo físico do

médium, manipulando-o à sua vontade. Acreditamos que é em razão disso que alguns médiuns reproduzem fielmente tanto a voz quanto a caligrafia do Espírito comunicante, indo até mesmo manifestar todas as particularidades deste, como no caso do Sr. Morin, mencionado um pouco atrás.

Do “Cap. XXII - Da mediunidade nos animais”, de **O Livro dos Médiuns**, transcrevemos este trecho que consta da comunicação de Erasto a respeito do tema:

Costuma-se dizer: os Espíritos mediunizam e fazem mover a matéria inerte, as cadeiras, as mesas, os pianos. Fazem mover, sim, mas mediunizam, não! Porque, ainda uma vez: sem médium, nenhum desses fenômenos se produz. Que há de extraordinário em fazermos que se mova, com a ajuda de um ou de muitos médiuns, a matéria inerte, passiva, que justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, está em condições de receber os movimentos e os impulsos que lhe desejamos dar? Para isso necessitamos de médiuns, é claro, mas não é necessário que o médium esteja presente ou consciente, porque podemos agir com os elementos que ele nos fornece, sem que ele o saiba e longe dele, sobretudo nos fenômenos de tangibilidade e de transportes. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil que o mais

sutil e imponderável de vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico mais animalizado do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade escapa aos vossos sentidos grosseiros e é quase inexplicável para vós, permite-nos movimentar os móveis e até mesmo quebrá-los em aposentos vazios. ⁽⁹¹⁾

Certamente que o que o médium fornece é o ectoplasma, energia necessária para que os Espíritos possam combinar seu próprio envoltório (perispírito) com o do médium para a movimentação da matéria inerte, mesmo que o médium não esteja presente e nem consciente disso.

Não podemos deixar de lembrar que quando se fala em Espírito, na situação de desencarnado, devemos entendê-lo como um ser duplo, conforme afirma Allan Kardec: *“a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito”* ⁽⁹²⁾. Considerando que o encarnado é um ser triplo, basta somar a esse ser duplo o corpo físico teremos o seu conjunto.

Nos casos de possessão/incorporação, a alma do médium, acompanhada do perispírito, afasta-se

do corpo físico, sem entretanto desligar-se dele, já que isso só ocorre com a morte, o que nos autoriza supor que, de alguma sorte, o médium poderá controlar o uso que o Espírito faz de seu corpo.

O que estamos aqui colocando é fruto de um bom tempo de reflexão. Esperamos não estar indo além do limite, e nem querendo impor nossa maneira de ver e, menos ainda, contrariar os postulados basilares do Espiritismo.

A flexibilidade mediúnica permite ao médium sintonizar-se com todos os Espíritos?

“A verdade sempre aparece, com, sem e apesar dos que, voluntária ou involuntariamente, vedam os próprios olhos e se fingem de cegos.” (PEDRO CAMILO – Espírito)

Sempre que nos é possível realçamos que, para compreensão mais ampliada da Doutrina dos Espíritos, é necessário que também estudemos a *Revista Espírita*.

Levando-se em conta que poucos espíritas sabem, vamos lembrar de **O Livro dos Médiuns**, cap. III – Do método, o item 35, que Allan Kardec inicia da seguinte forma: *“Para aqueles que desejam adquirir esses conhecimentos preliminares através das nossas obras, aconselhamos a seguinte ordem”* ⁽⁹³⁾: 1ª) *O Que é o Espiritismo [...].*; 2ª) *O Livro dos Espíritos, [...].*; 3ª) *O Livro dos Médiuns, [...].*; e, finalmente, a obra que queremos realçar:

4ª *REVISTA ESPÍRITA*: Uma variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos destacados, **que completam a exposição das duas obras precedentes**, e que representa de alguma maneira a sua aplicação. Sua leitura pode ser feita ao mesmo tempo que a daquelas obras, mas **será mais proveitosa e mais compreensível sobretudo após a de *O Livro dos Espíritos***.⁽⁹⁴⁾

Infelizmente, é raridade vermos a *Revista Espírita* sendo recomendada nas instituições espíritas. Destacamos, também a obra *O que é o Espiritismo*, que, por enquanto, é uma ilustre desconhecida em nosso meio.

Na *Revista Espírita 1863*, mês de dezembro, no artigo “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, que um pouco mais frente transcreveremos, já havíamos detectado uma importante mudança de entendimento do Codificador quanto a posse física do encarnado⁽⁹⁵⁾, agora nos surpreendemos ao encontrar uma explicação que, por ter sido publicada em data posterior, não foi levada para *O Livro dos Médiuns*, mas que ele fez constar de *O Que é o Espiritismo*.

Relendo a ***Revista Espírita 1865*** temos, no

mês de abril, o artigo “Estudo Medianímico”, no qual constam as respostas de um Espírito a seu irmão, sobre algumas questões e, em meio a elas, lhe diz:

[...] Então não sabes que **por vezes é muito difícil aos Espíritos transmitir o pensamento através de certos médiuns** pouco aptos a receber claramente, em seu cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos e que, desnaturando-os, lhes dão um cunho de falsidade, que leva os interessados à negação mais formal das manifestações? [...]. ⁽⁹⁶⁾

Após a mensagem, Allan Kardec tece várias considerações ⁽⁹⁷⁾, muitas das quais serão publicadas em **O Que é o Espiritismo** ⁽⁹⁸⁾, cap. II – Noções elementares de Espiritismo, no tópico “Dos médiuns”, do qual destacamos os seguintes itens:

62. As comunicações inteligentes realizam-se igualmente pela ação fluídica do Espírito sobre o médium, sendo preciso que o fluido deste último se identifique com o do Espírito.

A facilidade das comunicações depende do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Cada médium é assim mais ou menos apto para receber a *impressão* ou a *impulsão* do pensamento de tal ou tal Espírito; **podendo ser**

bom instrumento para um e péssimo para outro. Resulta daí que se achando juntos dois médiuns, igualmente bem-dotados, poderá o Espírito manifestar-se por um, e não por outro.

63. É um erro acreditar-se que basta ser médium para receber, com igual facilidade, comunicações de qualquer Espírito.

Não existem médiuns universais para as evocações, nem com aptidão para produzir todos os fenômenos.

Os Espíritos buscam, de preferência, os instrumentos que lhes sejam mais apropriados; impor-lhes o primeiro médium que tenhamos à mão, seria o mesmo que obrigar uma pianista a tocar violino, supondo que, por saber música, pode ela tocar qualquer instrumento.

64. Sem a harmonia, que só pode nascer da assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas, porque, em vez do Espírito que se deseja, não faltam outros, sempre prontos a manifestarem-se e que pouco se importam com a verdade.

65. A assimilação fluídica é, algumas vezes, totalmente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes – e é o caso mais comum – ela não se estabelece senão gradualmente e com o tempo; é o que explica a maior facilidade com que os Espíritos se manifestam pelo médium com que estão mais habituados; e também porque as primeiras comunicações atestam quase sempre certo constrangimento e são menos explícitas.

66. A assimilação fluídica é tão necessária nas comunicações pela tiplogia como pela escrita, visto que, tanto num como noutro caso, se trata da transmissão do pensamento do Espírito, qualquer que seja o meio material por que ela se faça.

67. Não se pode impor um médium ao Espírito que se quer evocar, convindo deixá-lo a escolha do instrumento. Em todo o caso, é necessário que o médium se identifique previamente com o Espírito, pelo recolhimento e pela prece, ou mesmo durante alguns minutos, e mesmo muitos dias antes se for possível, de modo a provocar e ativar a assimilação fluídica. É um meio de se atenuar a dificuldade.

68. Quando as condições fluídicas não são propícias à comunicação direta do Espírito ao médium, ela pode fazer-se por intermédio do guia espiritual deste último; neste caso, o pensamento não vem senão em segunda mão, isto é, depois de haver atravessado dois meios. Compreende-se, então, quanto é importante ser o médium bem assistido; porque, se ele o for por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será necessariamente adulterada.

Aqui as qualidades pessoais do médium desempenham forçosamente um papel importante, pela natureza dos Espíritos que ele atrai a si. Os mais indignos médiuns podem possuir poderosas faculdades, porém, os mais seguros são os que a esse poder reúnem as melhores simpatias no mundo espiritual; ora, essas simpatias não ficam, de *forma alguma*,

demonstradas pelos nomes, mais ou menos imponentes, revestidos pelos Espíritos que assinam as comunicações, mas sim pelo fundo *constantemente* bom das mesmas. ⁽⁹⁹⁾ (itálico do original)

Então, temos aqui a explicação porque os Espíritos mentores das casas espíritas sempre se manifestam pelo mesmo médium. Talvez se todos os médiuns tivessem conhecimento desses esclarecimentos, menos sentimentos de inveja existiria entre eles.

Outro ponto bem interessante é a afirmação de que não há médium universal, ou seja, aquele capaz de se sintonizar com todos os Espíritos, isso não ocorre, já que é necessária a afinidade fluídica entre ambos.

Se em reuniões mediúnicas estávamos indicando os médiuns para dar comunicação de determinado Espírito, devemos mudar de procedimento, porquanto isso não faz sentido algum diante dessas “*noções elementares do Espiritismo*”.

Por oportuno, não podemos deixar de mencionar que “*as qualidades pessoais do médium*”

desempenham forçosamente um papel importante, pela natureza dos Espíritos que ele atrai a si”, isso deixa bem explícito que o médium especialmente atrai os que têm afinidade com o seu caráter e sua maneira de ser.

E para finalizar, responderemos à pergunta do título dizendo que por maior que seja a flexibilidade mediúnica do médium isso por si só não é o suficiente para que sintonize com todos os Espíritos, uma vez que também é preciso se estabeleça uma afinidade fluídica entre o medianeiro e aqueles Espíritos que queiram se comunicar.

A mediunidade de incorporação

“Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado.” (ALLAN KARDEC)

Em nossas leituras, às vezes, encontrávamos referências à mediunidade de incorporação, causando-nos curiosidade para saber de onde essa designação surgiu, já que, em momento algum, a vimos mencionada nas obras da Codificação Espírita, publicadas por Allan Kardec.

Mas, afinal, do que se trata? Vejamos essa explicação dada pelos companheiros da **SEF - Sociedade Espírita Fraternidade** (Niterói, RJ):

Incorporação Mediúnica:

É a forma de mediunidade que se caracteriza pela transmissão falada das mensagens dos Espíritos. É, em nossos dias, a faculdade mais encontrada na prática mediúnica. Pode-se dizer que é uma das mais úteis, pois, além de oferecer a

oportunidade de diálogo com os Espíritos comunicantes, ainda permite a doutrinação e consolação dos Espíritos pouco esclarecidos sobre as verdades espirituais.

[...].

A incorporação é também denominada *psicofonia*, sendo esta denominação preferida por alguns porque acham que *incorporação* poderia dar a ideia do Espírito comunicante penetrando o corpo do médium, fato que sabemos não ocorrer. ⁽¹⁰⁰⁾

Percebemos que se coloca a incorporação como sinônimo de psicofonia, quando não se considera a possibilidade de haver uma utilização do corpo do médium pelo espírito comunicante, ou seja, uma posse física temporária.

Infelizmente temos visto muitos estudiosos espíritas defenderem, e alguns até arduamente, para não dizer asperamente, que não existe mesmo posse física. Pouquíssimos têm conhecimento de que o Codificador mudara de posição, conforme já vimos há pouco, no artigo “Um caso de Possessão – Senhorita Julie”, publicado na *Revista Espírita 1863*.

Só que, em vez de retomar a essas duas obras e corrigi-las, conforme essa sua nova visão, de forma

que nas edições seguintes delas o tema estaria de acordo com sua última posição, seguiu adiante e a registrou em *A Gênese*, quando, no Capítulo XIV – Os fluídos, volta a falar das obsessões. Como a grande maioria dos espíritas não lê as edições da *Revista Espírita* e, muito menos, *A Gênese*, não se dá conta dessa mudança.

É importante registrar que os seguintes estudiosos concordam com a incorporação, que nada mais é que uma possessão física, bem no sentido literal do termo e de acordo com a nova interpretação de Allan Kardec: Léon Denis, Frederic Myers (1843-1901), Gabriel Delanne (1857-1926), Gustave Geley (1868-1914), Cairbar Schutel (1868-1938) e Dr. Hernani Guimarães Andrade.

Tudo isso está solidamente demonstrado em nosso ebook ***Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados***, disponível em nosso site ⁽¹⁰¹⁾, ao qual recomendamos a leitura; algumas coisas lá mencionadas, citaremos aqui neste estudo.

Na obra ***O Livro dos Médiuns***, no “Capítulo XIV – Os Médiuns”, no item 166, Allan Kardec designa os médiuns que transmitem verbalmente as

mensagens dos espíritos de médiuns falantes:

Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são propriamente médiuns falantes. Estes, na maioria das vezes, não ouvem nada. Ao servir-se deles, **os Espíritos agem sobre os órgãos vocais**, como agem sobre as mãos nos médiuns escreventes. O Espírito se serve para a comunicação dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium. De um empresta as mãos, de outro, as cordas vocais e de um terceiro os ouvidos. **O médium falante em geral se exprime sem ter consciência do que diz** e quase sempre tratando de assuntos estranhos às suas preocupações habituais, fora de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência (9).

Embora esteja perfeitamente desperto e em condições normais raramente se lembra do que disse. Numa palavra, a voz do médium é apenas um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual outra pessoa pode conversar com este, como o faz no caso de médium audiente.

Mas nem sempre a passividade do médium falante é assim completa. Há os que têm intuição do que estão dizendo, no momento em que pronunciam as palavras. Voltaremos a tratar desta variedade quando nos referirmos aos médiuns intuitivos (10).

(9) Além dessas provas da independência do Espírito comunicante, assinaladas por Kardec, devemos lembrar

que numerosos casos da bibliografia mediúnica e das experiências contidas com a mediunidade nos mostram que o Espírito pode tratar, através do médium, de assuntos a que este se furta e muitas vezes acusando-o e chamando-lhe a atenção. (N. Do T.)

(10) **Os médiuns falantes, chamados entre nós médiuns de incorporação**, dividem-se assim duas classes bem conhecidas: **médiuns conscientes e médiuns inconscientes**. Aos conscientes é que Kardec dava, acertadamente, a designação de *intuitivos*. Aliás, essa divisão existe em todas as modalidades mediúnicas. (N. do T.) ⁽¹⁰²⁾

Somente no “Capítulo XXXII – Vocabulário Espírita” é que Allan Kardec menciona o termo psicofonia, definindo-o: “*Comunicação dos Espíritos pela voz de um médium falante.*” ⁽¹⁰³⁾

Segundo o que conseguimos levantar, a primeira pessoa a mencionar “*médium de incorporação*” foi Miguel Vives y Vives (1842-1906), na obra *O Tesouro dos Espíritos*, publicada em Barcelona, Espanha, no ano de 1872. Léon Denis, em *No invisível* (publicada em 1901) e Gabriel Delanne, em *A Reencarnação* (publicada em 1924), são dois estudiosos dos fenômenos espíritas que também mencionam.

As expressões “*mediunidade de incorporação*”,

“*médium de incorporação*” e isoladamente o termo “*incorporação*” são inúmeras vezes citados nas obras de André Luiz, via psicografia de Francisco Cândido Xavier: *Os Mensageiros*, *Missionários da Luz*, *Libertação*, *Nos Domínios da Mediunidade*, *Mecanismos da Mediunidade*, *Sexo e Destino* e *Desobsessão*. São também as utilizadas na Umbanda para designar a especificação mediúnica e todos os médiuns pelos quais se manifestam os espíritos.

Transcreveremos de algumas dessas obras citadas trechos visando dar uma ideia de como é explicado o fenômeno.

1) ***Missionários da Luz***, capítulo 16, Incorporação:

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

– Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...**

[...].

– Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre,

sereno e enérgico – é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que lhe não pertence.** Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos

particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos**, mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, que urgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. ⁽¹⁰⁴⁾

Daí a minutos, providenciava-se a **incorporação** de Marinho, que tomou a intermediária sob forte excitação. **Otávia, provisoriamente desligada dos veículos físicos**, mantinha-se agora algo confusa, em vista de encontrar-se envolvida em fluidos desequilibrados, não mostrando a mesma lucidez que lhe observáramos anteriormente; todavia, a assistência que recebia dos amigos de nosso plano era muito maior. ⁽¹⁰⁵⁾

2) **Nos Domínios da Mediunidade**, vários capítulos:

Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes**, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. (falando do médium Antônio Carlos).

“... Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, **nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados**. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto”.

“Notamos que **Eugênia-alma afastou-se do corpo**, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante** sentava-se rente, **inclinado-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela**”.

Observei que leves fios brilhantes ligavam a frente de **Eugênia, desligada do veículo físico**, ao cérebro da entidade comunicante.

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as

intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

“[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**”

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade...

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que coroa.

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente**.

A mediunidade falante em Celina era diversa?

– Celina – explicou, bondoso – é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa**. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os**

centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetivo da missionária que lhe dispensa amparo assistencial.

[...] **A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão,** sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico,** com toda a sua sintomatologia clássica, surgiu claramente reconhecível.

Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

– **É a possessão completa ou a epilepsia essencial.**

– Nosso amigo está inconsciente? – aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

– **Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com**

o cérebro carnal. Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista.** Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.

(106)

Pelo que entendemos, de todas essas transcrições, para André Luiz a incorporação é fato concreto, relacionando-a diretamente à psicofonia. Essa generalização nos parece um pouco além do que estamos acostumados a ver na prática.

A incorporação é um fenômeno que acontece com alguns tipos de médiuns, tais como os psicofônicos, psicográficos, desenhistas (pictografia), cantores, instrumentistas, etc.; porém, nem a todos os seus possuidores, visto haver especificidade no grau de sintonia ou na forma de manifestação, gerando os médiuns conscientes, semiconscientes e

inconscientes, dentro da classificação que nos informou, mais acima na nota 10, José Herculano Pires.

Léon Denis, em seu livro **No invisível**, “Cap. XIX - Transe e incorporações”, faz uma análise interessante, que demonstra tanto a possibilidade da comunicação ser via mental ou por incorporação, conforme veremos, depois; antes, vejamos como o capítulo inicia:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. **No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.** ⁽¹⁰⁷⁾

Esclarecendo que “*no transe o médium fala, move-se e escreve automaticamente*” o médium age inconscientemente, parece-nos que, diante disso,

Léon Denis reconhece que a incorporação é uma particularidade mediúnica e não um tipo de mediunidade. E vemos, também aqui, uma correspondência direta entre incorporação e inconsciência do médium, em relação aos fatos ocorridos durante o transe.

Um pouco mais à frente lemos:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. [...] É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, **quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente**

animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium**, onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento. ⁽¹⁰⁸⁾

Léon Denis, mesmo admitindo, como se vê, a possibilidade da real posse física em alguns casos e em outros a transmissão de pensamento, trata, ao longo de suas obras, genericamente, todos os médiuns como “*de incorporação*”, apesar dele ter demonstrado serem situações distintas uma da outra. Possivelmente, tenha sido ele a base para, no

meio espírita, se espalhar o conceito de médium de incorporação aos que são de psicofonia ou falantes.

Por outro lado, essas duas possibilidades mencionadas por Denis, vêm justamente corroborar a questão da classificação dos médiuns em conscientes, semiconscientes e inconscientes. Para nós, no inconsciente é justamente onde ocorre a incorporação mediúnica.

O Livro dos Médiuns foi publicado em janeiro de 1861; como bem sabemos, antecedeu-lhe a obra ***Instruções Práticas Sobre a Manifestação Espírita***, cuja data de publicação provável seja o mês de julho de 1858; é, por conseguinte, a segunda obra espírita publicada por Allan Kardec. Dela transcrevemos esse pequeno trecho do “Capítulo VI – Papel e influência do médium nas manifestações”:

[...] Notamos aqui coisa importante de ser registrada, que **o Espírito estranho não se substitui à alma, pois não pode desalojá-la**: ele a controla à revelia dela, imprime-lhe sua vontade. Quando dizemos à revelia dela, queremos falar da alma atuando exteriormente pelos órgãos do corpo. Entretanto a alma, como Espírito, mesmo encarnado pode, perfeitamente, ter consciência da

ação exercida sobre ela por um Espírito estranho. O papel da alma, nessa circunstância, é, algumas vezes, inteiramente passivo e **então o médium, se é de incorporação, não tem nenhuma consciência do que escreve ou diz.** Ocasionalmente, entretanto, a passividade não é absoluta; então ele tem uma consciência mais ou menos vaga, embora a mão seja arrastada por um movimento maquinal, ao qual a vontade permanece alheia. ⁽¹⁰⁹⁾

Allan Kardec, nessa época, ainda não admitia a posse física; é fato o que aqui informamos. O nosso amigo Astolfo Olegário de O. Filho nos alertou, por e-mail, que, pelo fato, do Codificador nunca ter se utilizado do termo incorporação, poderia haver algum problema na tradução. Fomos conferir, e descobrimos que o trecho **“se é de incorporação”** reflete apenas a opinião pessoal do tradutor Cairbar Schutel, o que se pode facilmente confirmar comparando-se com a versão francesa e também com a tradução de Júlio Abreu Filho (1893-1971).

Então o fato dele, Cairbar Schutel, ter feito isso significa que entende *“médium de incorporação”* como uma aptidão peculiar aos médiuns que escrevem (psicografia) e os que falam (psicofonia);

não se trata, portanto, de um tipo de mediunidade, mas, sim, de um atributo pessoal do médium comunicante.

A impressão que temos, ao relacioná-los com o fato de não terem nenhuma consciência, é que Cairbar Schutel está justamente indo ao encontro do que hoje pensamos, ou seja, que os médiuns tidos inconscientes o são justamente pelo motivo de seu corpo ser utilizado por um Espírito estranho; portanto, nada do que ele transmite passa pelo cérebro físico do médium; daí a razão deste agir inconscientemente.

Concluimos que, ao se utilizar o termo incorporação, para designar o fenômeno da psicofonia, se comete um equívoco, pois estaríamos enquadrando, como mais uma mediunidade específica, algo que ocorre indistintamente, em diferentes tipos de mediunidade, como as que mencionamos nesse estudo.

Como se vê, a incorporação é uma peculiaridade comum a vários tipos de fenômenos mediúnicos, provavelmente uma especificidade do próprio médium; portanto, um fenômeno comum a

vários tipos de mediunidade, e estaria sendo utilizado para designar somente um deles.

Nesse caso, como ficamos frente a isto que Allan Kardec disse *“Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado.”*? ⁽¹¹⁰⁾. Essa é a indagação que fazemos.

As reuniões mediúnicas de desobsessão

“E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os possessos de espíritos malignos, [...]” (Atos 19,13)

Será que as denominadas reuniões de desobsessão (doutrinação ou esclarecimento de Espíritos) foram recomendadas na Codificação? É o que propomos pesquisar.

Na atualidade, após pouco mais de 160 anos do surgimento da Doutrina dos Espíritos, poderá alguém questionar sobre a utilidade das evocações de desencarnados em reuniões mediúnicas, denominadas de “doutrinação”, de “desobsessão” ou de “esclarecimento”, nas quais se estabelecem diálogos com eles visando, de alguma forma, auxiliá-los.



Percebe-se que alguns companheiros pensam que o esclarecimento ou a moralização dos Espíritos inferiores é uma tarefa específica que deveria ser realizada no mundo espiritual por Espíritos superiores e não por nós, aqui do mundo material. Outros mais ortodoxos são contra somente pelo fato dessas reuniões serem mencionadas por André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier; pede-se, apenas, bom senso, pois o excesso para nenhum dos lados é não bom.

Estávamos pesquisando na obra ***Curso Básico de Espiritismo, 1º ano***, uma publicação da FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo), visando encontrar algum material para uma palestra sobre a vida no mundo espiritual, quando nos deparamos com este interessante parágrafo:

Em erraticidade, os Espíritos analisam e refletem sobre o seu passado, sempre objetivando o aperfeiçoamento e, ao percorrerem os lugares, observam e **escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos**, e dessa forma, as ideias novas surgem em seu íntimo, predispondo-os a aceitação dos desígnios divinos. ⁽¹¹¹⁾

Despertou-nos atenção o trecho que diz “*escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos*”, razão pela qual fomos ver se, nas obras da Codificação Espírita, havia algo a respeito disso.

Tomemos, por pertinente ao tema, a obra **o Livro dos Médiuns**, cap. XXV - Evocações, para esclarecimento da questão:

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus. Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. **Não há inconveniente, quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los. Ao contrário, o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento,** ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. [...]. ⁽¹¹²⁾

E este alerta, no início do item subsequente (279), nunca deve ser desprezado: “*Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela superioridade moral.*” ⁽¹¹³⁾ (grifo do original)

Um pouco mais à frente, do tópico “Utilidade das evocações particulares”, item 281, transcrevemos o seu último parágrafo:

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, nos podemos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados. De que lhe serve obter belas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, **nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro?** Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas? ⁽¹¹⁴⁾

Entenda-se o adjetivo “vulgares” não no sentido pejorativo, mas apenas como uma outra designação com a qual também Allan Kardec nomeava os Espíritos inferiores, conforme suas explicações em *O Livro dos Médiuns*, item 267, inciso 4 ⁽¹¹⁵⁾.

Caso não tentemos aliviar e ajudar no

adiantamento os Espíritos inferiores, nós os espíritas, estaremos, segundo Allan Kardec, sendo egoístas, por não colocarmos em prática a caridade e benevolência para com eles. Obviamente, que isso não significa que todos os espíritas devam fazer esse trabalho, já que a caridade pode ser exercida de muitas outras maneiras. O que ele quer dizer é que as instituições espíritas não devem descuidar deste tipo de atividade.

Entendemos que, utilizando-se de outras palavras, Allan Kardec está, na verdade, recomendando mesmo a evocação desses Espíritos para que, por meio de bons conselhos, possamos contribuir no alívio do sofrimento deles e também despertá-los para o avanço moral, ou seja, para que busquem o caminho da evolução espiritual, que só ocorre em reuniões mediúnicas criadas precipuamente com esse objetivo.

Ademais, há situações que, segundo Allan Kardec, é efetivamente necessária a evocação, como nos casos das obsessões. Em **A Gênese**, no capítulo XIV – Os Fluidos, ao tratar o tema ele disse:

46 – Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; **a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral**. Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessor, **sem o socorro de terceiros. Este socorro se torna necessário, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.**

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente,*

ao qual é preciso que se tenha o direito de *falar com autoridade*, que, entretanto, não possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, **é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios**; que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, **por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral**. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. ⁽¹¹⁶⁾ (itálico do original)

Somente por meio de “evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral” é que um Espírito perverso pode ser convencido a renunciar a sua vingança, contra o obsidiado; portanto, não podemos protestar ignorância dessa missão que, como espíritas, cabe a nós fazer.

Um pouco mais à frente, em **A Gênese**, no cap. XV, item 33, Allan Kardec. ao tratar dos Possessos, argumenta:

[...] Porém, há casos em que a ação dos maus Espíritos não é duvidosa; há casos que têm analogia tão chocante com alguns dos quais somos testemunhas, que reconhecemos todos os sintomas de tal gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em casos idênticos, brota de um fato material; **são as numerosas curas radicais obtidas, em alguns centros espíritas, unicamente pela evocação e moralização de Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicação, e frequentemente estando o paciente ausente e à distância.** [...]. ⁽¹¹⁷⁾

Comprova-se, portanto, que, nos primórdios do Espiritismo, as reuniões de desobsessão fazia parte das práticas mediúnicas nos centros espíritas.

Voltemos à obra ***O Livro dos Médiuns***, agora no cap. XXIII – Obsessão, item 254, onde lemos esclarecimentos importantes:

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

“Sim, mas é o que não se faz, e é o que não se deve deixar de fazer, porque, muitas vezes, **isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente.** Por meio de sábios conselhos, é

possível induzi-los ao arrependimento e apressar o progresso deles.” (118)

Uma das nossas missões é combater a influência dos Espíritos maus, moralizando-os, obviamente, em reuniões específicas para o trato com eles, já que *“isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente”*; mais claro que isso é impossível.

Allan Kardec insistiu na questão, querendo saber como nós, os encarnados, podemos influenciar positivamente os Espíritos maus se eles, teoricamente, têm os Espíritos superiores ao lado.

5-a. Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?

“Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, **sua**

linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra. Demais, **o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral**. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” (119)

Conforme explicado, a razão está em que nós, os encarnados, estamos mais próximos deles do que os Espíritos Superiores; daí ser mais fácil chegarmos a eles do que estes Espíritos.

Completando essa fala de Allan Kardec, transcrevemos da obra **No Invisível**, uma explicação de Léon Denis ao fenômeno da incorporação mediúnicamente:

[...] As citações que acabamos de fazer provam que a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo do médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos** sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados

pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. **Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros o entrarem em relação com os Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição.** É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal, e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito. ⁽¹²⁰⁾

Portanto, confirma-se a necessidade das reuniões para esclarecimento dos Espíritos pouco adiantados. E o que também nos chamou a atenção foi o fato de serem eles conduzidos contra a sua vontade a essas reuniões, demonstrando, que, algumas vezes, é necessário restringir o livre-arbítrio dos que, num determinado momento, não têm plena condição de exercê-lo.

Em dois outros momentos, Allan Kardec, falando das obsessões, recomendou que se evocasse o Espírito obsessor, a fim de instruí-lo, e também com isso se libertasse o encarnado de sua influência, conforme estes dois trechos que nós transcrevemos;

o primeiro da **Revista Espírita 1866** e o outro de **A Gênese**:

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao mesmo tempo, os meios de remediá-la: aí está um de seus benefícios. Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? **As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.**

[...].

[...] O conhecimento que temos agora do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram sobre a Terra, uns bons, os outros maus. Entre estes últimos, há os que se comprazem ainda no mal, em consequência de sua inferioridade moral e que não se despojaram ainda de seus instintos perversos; estão em nosso meio como quando vivos, com a única diferença de que em lugar de terem um corpo material visível, têm um corpo fluídico invisível; mas não são, por isto, menos os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvido, procurando sempre as ocasiões de fazer o mal, se obstinando sobre aqueles que lhes dão presa e que acabam submetendo-se à sua influência; obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem serem vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, tendo em vista que não se pode prendê-los pelo corpo; **o único meio de dominá-los é o ascendente moral com a ajuda do qual, pelo**

raciocínio e os sábios conselhos, chega-se a torná-los melhores, por isto são mais acessíveis no estado de Espírito do que no estado corpóreo. Desde o instante em que são conduzidos a renunciarem voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, se esse mal é o fato de uma obsessão; ora, compreende-se que não são nem as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. **Eis todo o segredo dessas curas**, para as quais não há nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas; **conversa-se com o Espírito desencarnado, se o moraliza, educa-o, como teria sido feito quando de sua vida.** ⁽¹²¹⁾

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutarés e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade, que, entretanto, não a possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas, ainda não é tudo: **para assegurar a libertação, é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que nele se desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral.** Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. ⁽¹²²⁾ (itálico do original)

Entendemos que ao dizer “*por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral*”, Allan Kardec está referendando as reuniões mediúnicas específicas para a doutrinação ou esclarecimento de Espíritos.

Das instruções de Erasto relativas ao caso da Senhorita Julie, publicadas na **Revista Espírita 1864**, mês janeiro, destacamos mais dois pontos: o primeiro é a evocação dos Espíritos superiores, pedindo auxílio nos casos de obsessão; e o segundo é a prece:

“[...] É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. **Ao Espírito encarnado** que se encontra, como

Júlia, em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessor, é necessária a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. [...].

“Isso nos demonstra o que tereis de fazer doravante nos casos de possessão manifesta; é indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, [...] Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza de coração e fé verdadeira.

“[...] Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa **evocação do cura d’Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós**, rogando-lhes agirem contra **os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas**. Não é preciso esquecer, no mais, que a prece coletiva tem um **poder muito grande**, quando é feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um desejo ardente de aliviar.”

ERASTO (*Médium: Sr. d’Ambel*) (123)

Observamos que Erasto está dizendo da importância de se evocar a assistência dos Espíritos superiores para que, nos casos das obsessões em que também ocorrem a possessão, eles também possam auxiliar no processo de libertação dos envolvidos. Alerta-nos, também, para o poder da prece, a qual devemos fazer a favor do Espírito obsessor.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, há uma nota de Allan Kardec, da qual ressaltamos o seguinte trecho:

[...] Mas os Espíritos bons não os abandonam; esforçam-se por lhes inspirar bons pensamentos; espreitam os menores sinais de progresso e, desde que veem neles brotar o germe do arrependimento, provocam instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. **Essas instruções** lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; **também podem sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível.** No caso de que se trata, era útil à reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte dos que se queixavam dela, o que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. **Esta a razão pela qual a intervenção dos homens é requisitada para a melhora e o alívio dos**

Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. Seguramente a dos Espíritos bons lhes poderia bastar, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é para eles próprios um meio de avanço que Deus lhes reservou. ⁽¹²⁴⁾

Allan Kardec instrui para o nosso trabalho de ajuda e alívio que devemos prestar aos Espíritos sofredores.

Falamos várias vezes sobre reunião específica sem, entretanto, demonstrar algo que pudéssemos tomar como base para criá-las. Deixamos propositadamente para esse momento anterior à conclusão, que fecha esse estudo.

Da **Revista Espírita 1864**, transcrevemos este trecho da correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, França, a Allan Kardec:

“[...] Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês ⁽¹²⁵⁾, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma

magnetização mental. **As reuniões ocorriam todas as noites** e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. [...]” (126)

Aqui temos um guia espiritual sugerindo a realização de reunião para evocar um Espírito, visando a sua moralização. O detalhe é que, no caso específico, se realizava reunião todas as noites e não uma vez só por semana, como geralmente hoje se faria.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de junho, Allan Kardec registra o recebimento de uma carta que lhe foi dirigida por “um dignatário do império russo”, da qual destacamos o seguinte trecho:

“O objetivo principal a que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões ocorrem duas vezes por semana. Procuramos alcançar a unidade de pensamento e, para o conseguir, cada assistente, durante toda a sessão, guarda o mais recolhido silêncio. A pergunta feita aos Espíritos é lida em voz alta e cada um de nós, mentalmente, pede ajuda a seu anjo da guarda, a fim de obter uma resposta verdadeira. Em nossas evocações tratamos, na maioria das vezes, com Espíritos de ordem inferior, Espíritos obsessores; e como

conhecemos, por experiência, a eficácia da prece em comum, a ela quase sempre recorremos para esclarecer e aliviar esses infelizes. [...]" (127)

A especialização da reunião fica algo claro, portanto, é, diríamos, altamente recomendável.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, Allan Kardec transcreve o relatório anual da Sociedade Espírita de Bordeaux, do qual extraímos o seguinte trecho:

“Desde que nos constituímos, temos **duas sessões por semana**. Este duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar **uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam**, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. [...].

“Há, de resto, em Bordeaux, muitos casos de obsessão, e **uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores** está longe de ser suficiente, uma vez que o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, frequentemente, de certos de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente, lado a lado. (128)

Sobre a Sociedade de Bordeaux, Allan Kardec disse:

[...] **A maneira pela qual ela procede para o tratamento das obsessões é ao mesmo tempo notável e instrutiva**, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é de que ela triunfa. [...]. ⁽¹²⁹⁾

Ou seja, o Codificador sanciona do procedimento realizado por seus membros para o tratamento das obsessões.

Nessa mesma obra, um pouco mais à frente, lemos:

Um grupo da província, que se pode alinhar entre os mais sérios e melhor dirigidos, **introduziu este uso em suas reuniões** que, igualmente, ocorrem duas vezes por semana. Ele é exclusivamente composto dos oficiais de um regimento. Mas lá não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento de falar cada um a seu turno. **Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve se preparar para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina.** Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propagação e defender a causa, em caso de necessidade. ⁽¹³⁰⁾

Embora, nada tenha a ver com nosso tema, achamos interessante a designação do orador, indicando-lhe o ponto a ser desenvolvido na reunião seguinte, o que, em muito se assemelha ao que, hoje, se faz na maioria das casas espíritas em suas reuniões públicas e, muitas vezes, nas particulares de estudo doutrinário.

Em **Obras Póstumas**, quando Allan Kardec faz referência ao “Projeto 1868”, encontramos no ponto em que sugere a providências de como seria o local em que a Sociedade deveria se instalar, destacamos a sugestão do item 3º: **“Um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha;”** ⁽¹³¹⁾ Claro, que a presente orientação, não teria como ser aplicada no caso das instituições espíritas que não possuem espaço físico, ou seja, um leiaute adequado para tal providência.

Concluímos, então, que, conforme o que encontramos nas obras da Codificação, as reuniões mediúnicas de doutrinação ou esclarecimento de Espíritos sofreadores (imperfeitos) é uma missão nossa, que deve ser levada a efeito em reuniões

específicas, que, a nosso ver, não devem ser públicas, mas serem realizadas na intimidade que esses casos requerem e na privacidade que os Espíritos manifestantes merecem.

Sendo uma missão nossa, ou seja, dos encarnados, julgamos que toda casa espírita deve ter essas reuniões para que possamos bem cumprir essa missão, com a qual, segundo as palavras de Allan Kardec, teremos a cada caso resolvido “*a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito*” (132).

Sabemos que, se não em todas, talvez na grande maioria das reuniões mediúnicas é utilizada música ambiente. Pode-se questionar a necessidade dela, uma vez que a respeito disso nada é dito nas obras da Codificação Espírita, porém, a aceitar neste episódio narrado, em ***História dos Hebreus***, por Flávio Josefo (37-103 d.C.), com Saul, rei de Israel, esse procedimento pode ser útil:

235. Saul, ao contrário, foi tomado pelo espírito mau, que parecia querer esganá-lo a todo instante. **Os médicos não encontraram outro remédio para esse mal, senão mandar cantar para ele,**

ao som de harpa, hinos sagrados, por algum músico competente, quando o demônio o agitasse. Mandaram procurá-lo por toda parte; disseram-lhe que havia somente um que poderia fazê-lo e era um dos filhos de Jessé, de nome Davi, que não somente era muito bom músico, mas muito belo e capaz de servi-lo na guerra; mandou então dizer a seu pai que o dispensasse do encargo de vigiar os rebanhos e o mandasse, porque lhe haviam dito tantas coisas dele, queria vê-lo. Jessé mandou-o logo, com vários presentes e Saul o recebeu muito bem, deu-lhe um lugar como soldado e o tratou bondosamente, em tudo. Além de lhe ser muito agradável, **somente ele podia acalmá-lo e trazer a bons sentimentos, com seus cânticos e o som da harpa.** Assim, pediu a seu pai que o deixasse ficar com ele, pois estava muito contente com a sua companhia. ⁽¹³³⁾

Esse episódio também é narrado na Bíblia (1 Samuel 16,14-23), que ainda acrescenta: *“Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia, Davi tomava a lira e tocava; então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o mau espírito o deixava.”* ⁽¹³⁴⁾

Em junho de 2019, foi publicado no site da **Federação Espírita do Distrito Federal** o artigo “Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações”, no qual Fabiana Menezes, coordenadora do Coral Unicanto,

de Londrina (PR), foi muito feliz ao afirmar:

“A música tem esta capacidade de influenciar no campo vibracional das pessoas, por isto, ela tem demasiada importância nas Casas Espíritas, pois além de elevar a vibração do ambiente, **o que oferece suporte para a atuação dos benfeitores espirituais, ela também sensibiliza os corações para que estes possam receber a mensagem do Cristo**, reforçada pelo Espiritismo.” (135)

Antes de encerrar, vamos trazer dois pontos de suma importância a respeito das reuniões mediúnicas. Em **O Livro dos Médiuns**, item 331, o Codificador, explica que: *“Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros, formando uma espécie de feixe. Ora, quanto mais homogêneo for esse feixe, tanto mais força terá. [...]”* (136)

Para tornar mais explícito essa orientação, vamos recorrer ao que está publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de outubro, onde lemos:

Sabe-se que as melhores comunicações são obtidas em **reuniões pouco numerosas, nas quais reina a harmonia e uma comunhão de**

sentimentos. Ora, quanto maior for o número, tanto mais difícil será a obtenção dessa homogeneidade. [...] os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos. Todos se conhecem melhor, estão mais em família, e podem ser melhor admitidos aqueles que desejamos. [...]. ⁽¹³⁷⁾

Embora o Codificador estivesse mais preocupado com as divergências de opiniões dado a ciência espírita ser incipiente, acreditamos que a recomendação vale para os dias atuais, especialmente, quanto aos quesitos harmonia e comunhão de pensamento. Daí, julgamos que as reuniões mediúnicas devam ser privativas e não públicas, como acontece em algumas casas espíritas.

Como já tivemos a oportunidade de participar de reuniões mediúnicas, percebemos que muitos dos coordenadores têm uma preocupação excessiva em relação aos horários de início e término da reunião. Não raras vezes o Espírito manifestante foi “despachado”, em nome de Jesus, é claro, por estar “em cima da hora” do encerramento. Hoje, sabemos que isso é falta de conhecimento, porquanto em **o Livro dos Médiuns**, o Mestre de Lyon fala sobre

essa questão:

Acrescentemos, todavia, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram tão meticolosos a esse ponto. **A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade** como tudo o que seja pueril. É claro que eles podem comparecer mesmo fora das horas consagradas à reunião, apresentando-se de boa vontade se o fim que tenha em vista for útil. [...].
(¹³⁸)

Portanto, diante de tão objetiva explicação, não devemos procurar “ser mais realistas que o rei”.

Conclusão

Como em cada capítulo desenvolvido já colocamos a conclusão do tema, aqui, ao final, só nos permitimos acrescentar estes dois pensamentos do estudioso Hermínio C. Miranda (1920-2013), tomados de ***O Que é o Fenômeno Anímico?***:

[...] a gente só cresce em sabedoria quando tem a coragem de trocar velhas e superadas ideias por novas, não simplesmente porque são novas, mas porque têm algo mais avançado a nos ensinar. Como, aliás, nos aconselhou o eminente professor Rivail. ⁽¹³⁹⁾

[...] Na verdade, nada é definitivo na busca do conhecimento. Hipóteses, teorias e suposições podem ser descartadas sumariamente algum dia, simplesmente porque se tornaram inválidas perante fatos resultados de novas descobertas. ⁽¹⁴⁰⁾

Devemos refletir sobre o que nos diz Miranda, especialmente, porque muitos de nós, até de maneira inconsciente, vimos fechando portas a novas ideias no Espiritismo, ainda que elas tenham

passado pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos, conforme bem o orientou o Codificador.

Ter mente aberta e jamais deixar de usar o bom senso e a lógica devem ser atitudes de todo espírita consciente de sua responsabilidade para com a Doutrina.

Muitas vezes, é preciso sairmos da ortodoxia para navegar em outros mares, ainda que soframos tempestades de pensamentos dos que nos são contrários. Não devemos nos esquecer de que a Doutrina Espírita, apoiada nos ensinamentos de Jesus, nos recomenda tratá-los com urbanidade, ainda que sejam agressivos conosco.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.
- ANDRADE, H. G. **Espírito, Perispírito e Alma.** São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
- BACCELLI, C. A. **Mediunidade e Caminho.** Araras (SP): IDE, 1993.
- BACCELLI, C. A. **Mediunidade e Doutrina.** Araras (SP): IDE, 1990.
- CUIN, J. **Chico Xavier: Amor e Sabedoria.** São Paulo: DPL, 2006.
- DENIS, L. **No invisível.** Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DOYLE, A. C. **História do Espiritismo.** São Paulo: Pensamento, 1990.
- FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo.
Curso Básico de Espiritismo, 1º ano. São Paulo: FEESP, 2011 (em PDF).
- FRANCO, D. P. **Loucura e Obsessão.** Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- FRANCO, D. P. **Médiuns e Mediunidades.** Niterói (RJ): Arte & Cultura, 1990.
- FRANCO, D. P. **Tormentos da Obsessão.** Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- GARCIA, W. (org) **No Limiar do Amanhã: Conversa Sobre Mediunidade + Curas, Obsessões, Sonhos.** São Paulo: Editora Paideia, 2021.

- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **A Gênese**. São Paulo: LAKE, 2010.
- KARDEC, A. **A Gênese**. São Paulo: FEAL, 2018.
- KARDEC, A. **Instruções Práticas Sobre as Manifestações**. 6ª Edição, Matão, SP: O Clarim, s/d.
- KARDEC, A. **Instruction pratique sur les manifestations spirites**. Paris, FR: E. Dentu, Libraire e Ledoyen, Libraire, 1858 (versão PDF Books Google).
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: LAKE, 2006.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP), IDE: 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP), IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** (pdf). Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP), IDE: 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- MAIA, J. N. **Filosofia Espírita - Vol. XVI**. (PDF) Belo Horizonte: Fonte Viva, 1990
- MIRANDA, H. C. **Diversidades dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I**. Niterói, RJ: Arte e Cultura, 1991.
- MIRANDA, H. C. **O Que é o Fenômeno Anímico?** São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 2011.
- MIRANDA, MANOEL PHILOMENO (PROJETO). **Qualidade na Prática Mediúnica**. Salvador: LEAL, 2000.
- NOBRE, M. R. S. **Lições de Sabedoria**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.
- NOVAES, A. **Psicologia e Mediunidade**. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2012.
- PALHANO JR, L. **Dicionário de Filosofia Espírita**. Rio de Janeiro: CELD, 2004.
- PEREIRA, Y. A. **Recordações da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

- PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação): Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais**. São Paulo: EDICEL, 1987.
- SCHUBERT, S. C. **Chico Xavier e Emmanuel: Dores e Glórias**. Brasília: FEB, 2021.
- TEIXEIRA, J. R. **Desafios da Mediunidade**. Niterói (RJ): Fráter, 2012.
- UEM. **Médium Ostensivo**. (PDF). Belo Horizonte, 2013.
- VIVES, M. V. **O Tesouro dos Espíritos**. Internet: Site Autores Espíritas Clássicos, 2009.
- XAVIER, F. C. **Entre a Terra e o Céu**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Mecanismos da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. **Missionários da Luz**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. **Nos Domínios da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Novo Mundo**. São Paulo: IDEAL, 1991.
- XAVIER, F. C. **Obreiros da Vida Eterna**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Internet:

- FEDF – Federação Espírita do Distrito Federal. *Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações*, disponível em: <https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- FRANCO, D. P. *Programa Transição 001 – Mediunidade*. Out/2008, disponível em: http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/pograma-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html. Acesso em 11.01.2013, às 07:22hs.
- MENEZES, F. In. *Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações*, disponível em: <https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- SEF – Sociedade Espírita Fraternidade, *Mecanismos da mediunidade*, disponível em: <http://www.mkow.com.br/apostilas/unid49.htm>. Acesso em 05/03/2015, às 08:57hs.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espirtos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 04 set. 2024.
- SOUZA, *Tratamento Espiritual Aplicado a Deficientes Mentais Demonstra Eficácia*, disponível em: <http://www.usp.br/agen/bols/2004/rede1514.htm>. Acesso em: 11 jun. 2020.

WIKIPÉDIA. *Daniel Dunglas Home*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Dunglas_Home.
Acesso em: 08 jul. 2021.

Imagens:

Reunião mediúnica:

[http://www.ceakitajuba.org.br/sites/default/files/langua-
ges/atendimento_reuniaomed.jpg](http://www.ceakitajuba.org.br/sites/default/files/langua-
ges/atendimento_reuniaomed.jpg). Acesso em: 06 jun.
2015.

Capa: TOSTA, I. *Reunião de fev 1862 na Sociedade
Parisiense de Estudos Espíritas*, disponível em:
[https://docplayer.com.br/39568444-Reuniao-de-fev-
1862-na-sociedade-parisiense-de-estudos-espiritas-
franca.html](https://docplayer.com.br/39568444-Reuniao-de-fev-
1862-na-sociedade-parisiense-de-estudos-espiritas-
franca.html). Acesso em: 06 jul. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7)

Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 TEIXEIRA, *Desafios da Mediunidade*, p. 47.
- 2 FRANCO, Programa Transição 001 – Mediunidade. Out/2008, disponível em: http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html, de 19' 22" a 20' 25"
- 3 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 191.
- 4 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 306.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 6 KARDEC, *A Gênese*, p. 349-350.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 449.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 81-88.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 88-90.
- 10 SOUZA, *Tratamento Espiritual Aplicado a Deficientes Mentais Demonstra Eficácia*, link: <http://www.usp.br/agen/bols/2004/rede1514.htm>
- 11 MIRANDA, *Diversidades dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade – vol. I*, P. 127.
- 12 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 154.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 154.
- 14 PIRES, *Mediunidade*, p. 19.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 86-87.
- 16 BACCELLI, *Mediunidade e Doutrina*, p. 68.
- 17 BACCELLI, *Mediunidade e Caminho*, p. 26.
- 18 KARDEC, *Instrução Prática Sobre Manifestações Espíritas*, p. 42.
- 19 XAVIER, *Mecanismos da mediunidade*, p. 88.
- 20 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 144.
- 21 MIRANDA, *Qualidade na Prática Mediúnica*, p. 71.
- 22 XAVIER, *Libertação*, p. 40-51; 73-78 e 228-229.

- 23 XAVIER, *Libertação*, p. 228-229.
- 24 XAVIER, *Obreiros da Vida Eterna*, p. 144-155.
- 25 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 185-186.
- 26 XAVIER, *Entre a Terra e o Céu*, p. 185-186.
- 27 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 207.
- 28 FRANCO, *Loucura e Obsessão*, p. 159-169; 188-199 e 203-211.
- 29 FRANCO, *Tormentos da Obsessão*, p. 158-168; 233-247 e 262-266.
- 30 NOBRE, *Lições de Sabedoria*, p. 137.
- 31 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, 2013, p. 9.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 29.
- 33 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 172.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 77.
- 35 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 171.
- 36 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 182.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 61-62.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 49.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 263.
- 40 DICIONÁRIO HOUAISS, p. 167 e 1805.
- 41 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 159, p. 169.
- 42 MAIA, *Filosofia Espírita - vol. XVI*, p. 79-80.
- 43 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais*, p. 11.
- 44 PIRES, *Mediunidade: Vida e Comunicação. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais*, p. 23.
- 45 GARCIA, *No Limiar do Amanhã: Conversa Sobre Mediunidade + Curas, Obsessões, Sonhos*, p. 183-184.

- 46 NOVAES, *Psicologia e Mediunidade*, p. 17-19.
- 47 CUIN, *Chico Xavier: Amor e Sabedoria*, p. 116.
- 48 SCHUBERT, *Chico Xavier e Emmanuel: Dores e Glórias*, p. 30-31.
- 49 XAVIER, *Novo Mundo*, p. 8.
- 50 UEM, *Médium Ostensivo*, p. 1,
- 51 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 157-158.
- 52 FRANCO, *Médiuns e Mediunidades*, p. 41.
- 53 MIRANDA, *Qualidade na Prática Mediúnica – Projeto Manoel Philomeno de Miranda*, p. 19.
- 54 PEREIRA, *Recordações da Mediunidade*, p. 19-20.
- 55 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. IV, item 37, p. 37.
- 56 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, item 187, p. 159.
- 57 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, item 187, p. 159.
- 58 PALHANO JR, *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 31.
- 59 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIX, item 225, p. 195-196.
- 60 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXII, item 236, p. 215.
- 61 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, item 189, p. 161.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. VII, item 119, p. 107.
- 63 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIV, item 167, p. 145.
- 64 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIV, item 167, p. 145.
- 65 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIV, item 172, p. 148.

- 66 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIX, item 223, p. 187
- 67 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 2.
- 68 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, item 191, p. 163.
- 69 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, link: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 70 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XV, item 180, p. 153.
- 71 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. III, item 71, p. 60.
- 72 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. IV, item 74, p. 62.
- 73 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. IV, item 74, p. 64.
- 74 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. IV, item 74, p. 65
- 75 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. IV, item 75, p. 67.
- 76 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XI, item 143, p. 128.
- 77 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XII, item 146, p. 130.
- 78 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 9-10.
- 79 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIII, item 157, p. 137.
- 80 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIV, item 166, p. 144.
- 81 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XV, item 179, p. 152-153.
- 82 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 264.
- 83 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XV, item 180, p. 153.
- 84 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIX, item 223, p. 188.

- 85 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIX, item 223, p. 189.
- 86 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XIX, item 223, p. 189.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 48-49.
- 88 ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 122.
- 89 DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- 90 DENIS, *No Invisível*, p. 272.
- 91 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXII, item 236, p. 213-214.
- 92 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, Cap. II, item 14, p. 155.
- 93 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. III, item 35, p. 34.
- 94 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Cap. III, item 35, p. 34-35.
- 95 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível:
<https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>.
- 96 KARDEC, *Revista Espírita 1865* (pdf), p. 152.
- 97 KARDEC, *Revista Espírita 1865* (pdf), p. 154-156.
- 98 A primeira edição de *O que é o Espiritismo*, saiu em 15 de julho de 1859 e na *Revista Espírita 1865*, mês de julho, é informado sobre uma nova edição modificada e consideravelmente aumentada.
- 99 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 172-174.
- 100 SEF – Sociedade Espírita Fraternidade, *Mecanismos da Mediunidade*, disponível em: <http://www.mkow.com.br/>.
- 101 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível:
<https://paulosnetos.net/article/possecao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>.
- 102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 144,
- 103 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 351.

- 104 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 260-277 – passim.
- 105 XAVIER, *Missionários da Luz*, p. 291.
- 106 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 29-80 – passim.
- 107 DENIS, *No invisível*, p. 249.
- 108 DENIS, *No Invisível*, p. 252-254.
- 109 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre a Manifestação Espírita*, p. 138-138.
- 110 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 35.
- 111 FEESP, *Curso Básico de Espiritismo, 1º ano*, p. 50.
- 112 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 115 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 282.
- 116 KARDEC, *A Gênese*, FEB, p. 259.
- 117 KARDEC, *A Gênese*, LAKE, p. 277.
- 118 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 274.
- 119 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 274.
- 120 DENIS, *No Invisível*, p. 252-253.
- 121 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 41-42.
- 122 KARDEC, *A Gênese*, FEB, p. 259.
- 123 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 16-17.
- 124 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 13-14.
- 125 Maio 1863.
- 126 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 47.
- 127 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 169-170.
- 128 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 178.
- 129 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 181.

- 130 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 182.
- 131 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 376.
- 132 KARDEC, *A Gênese*, FEB, p. 259.
- 133 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 159.
- 134 *Bíblia de Jerusalém*, p. 412.
- 135 MENEZES, F. In. *Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações*, disponível em:
<https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>.
- 136 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 364
- 137 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 141.
- 138 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 365.
- 139 MIRANDA, *O Que é o Fenômeno Anímico?*, p. 60.
- 140 MIRANDA, *O Que é o Fenômeno Anímico?*, p. 149.